

Caderno Pedagógico de leitura de crônicas

Kelly Cristina de Oliveira Passos Coelho

**LEITURA DA CRÔNICA DE RUBEM BRAGA COMO UMA PROPOSTA
DIDÁTICA DE GÊNERO TEXTUAL**

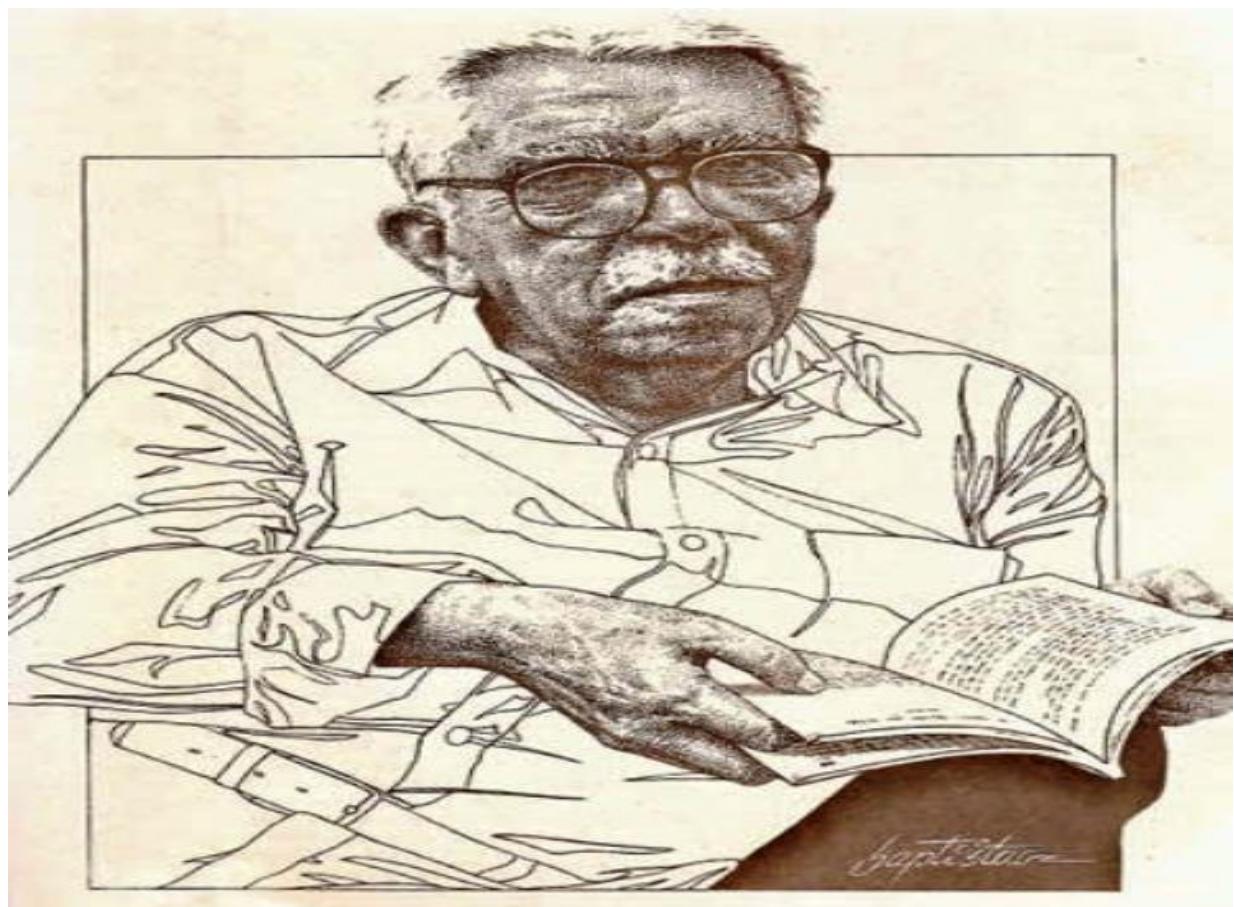


Caderno Pedagógico de leitura de crônicas

Kelly Cristina de Oliveira Passos Coelho

LEITURA DA CRÔNICA DE RUBEM BRAGA COMO UMA
PROPOSTA DIDÁTICA DE GÊNERO TEXTUAL





"É um pouco aflitivo pensar nisso, e imaginar que, acima dos gestos e das palavras, o sentimento talvez valha alguma coisa; e que a ternura e o bem-querer devem ter um instinto certo e tocar naquelas zonas indefiníveis da alma em que nem os analistas conseguem explicar nada. Ora, pois; mesmo às cegas, burramente, amemos!"

Rubem Braga, "Amemos burramente".



LEITURA DA CRÔNICA DE RUBEM BRAGA COMO UMA PROPOSTA DIDÁTICA DE GÊNERO TEXTUAL

Dedicatória

*Aos meus queridos alunos e meus ilustres
professores colegas de trabalho.*

COELHO, Kelly Cristina de O. P. Caderno Pedagógico de Leitura de crônicas.
Leitura da crônica de Rubem Braga como uma proposta didática de gênero textual
/ Kelly Cristina de O. P. Coelho; José Ricardo de Carvalho – Itabaiana, 2020.

Produto pedagógico Mestrado Profissional (PROFLETROS)
- Universidade Federal de Sergipe, Campus de Itabaiana.

1. Leitura. 2. Gênero crônica. 3. Interacionismo sociodiscursivo.

Conhece o vocábulo escardinchar? Qual o feminino de cupim? Qual o antônimo de póstumo? Como se chama o natural do Cairo?

O leitor que responder “não sei” a todas estas perguntas não passará provavelmente em nenhuma prova de Português de nenhum concurso oficial. Aliás, se isso pode servir de algum consolo à sua ignorância, receberá um abraço de felicitações deste modesto cronista, seu semelhante e seu irmão.

Porque a verdade é que eu também não sei. Você dirá, meu caro professor de Português, que eu não deveria confessar isso; que é uma vergonha para mim, que vivo de escrever, não conhecer o meu instrumento de trabalho, que é a língua.

[...]

Por que exigir essas coisas dos candidatos aos nossos cargos públicos? Por que fazer do estudo da língua portuguesa unia série de alçapões e adivinhas, como essas histórias que uma pessoa conta para “pegar” as outras? O habitante do Cairo pode ser cairense, cairei, caireta, cairota ou cairiri — e a única utilidade de saber qual a palavra certa será para decifrar um problema de palavras cruzadas. Vocês não acham que nossos funcionários públicos já gastam uma parte excessiva do expediente matando palavras cruzadas da “Última Hora” ou lendo o horóscopo e as histórias em quadrinhos de “O Globo”?

No fundo o que esse tipo de gramático deseja é tornar a língua portuguesa odiosa; não alguma coisa através da qual as pessoas se entendam, mas um instrumento de suplício e de opressão que ele, gramático, aplica sobre nós, os ignorados.

[...]

Rio, novembro, 1959. Rubem Braga. *Nascer no Cairo, ser fêmea de cupim*. Crônica extraída do livro “Ai de Ti, Copacabana”, Editora Record – Rio de Janeiro, 2008, pág. 185.

APRESENTAÇÃO

Queridos professores

É com muito cuidado e respeito a nossa profissão que propomos este material de leitura, desenvolvido a partir de estudos realizados no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Esperamos que com ele, possamos oferecer uma opção positiva ao ensino de Língua Portuguesa, especificamente, às suas aulas de leitura. Tem como principal finalidade produzir uma proposta de leitura com base no ISD, a partir do gênero crônica, de cunho reflexivo, do autor Rubem Braga, na obra *Ai de ti, Copacabana* (2008), através de módulos de leitura.

Esse caderno está focado na leitura e na interpretação de texto, destinado a estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, mas que poderá ser ajustado para outros segmentos da Educação Básica. Então, sinta-se à vontade para acolher as sugestões propostas e adaptá-las à realidade da sua turma.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998) valorizam o ensino de língua portuguesa partindo do texto e do uso dos gêneros discursivos/textuais, “Toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência linguística e proficiência discursiva”. Então, são os gêneros textuais que favorecem a reflexão crítica e o exercício de formas de pensamento mais elaboradas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no componente língua portuguesa, dialoga com os PCNs, uma vez que admite a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, ou seja, assume a centralidade do texto como unidade de trabalho, “de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses” (BRASIL, 2017, p.67).

Nessa perspectiva, desejamos apresentar uma proposta de trabalho com o gênero textual crônica do autor Rubem Braga a partir da obra *Ai de ti, Copacabana* (2008), as análises estão centradas no Interacionismo sociodiscursivo (doravante ISD), de Bronckart (2007). Para o ISD toda produção de linguagem é uma unidade comunicativa coerente situada em um contexto de produção. Todo texto é organizado linguisticamente por meio de recursos de textualização e enunciativos, provocando efeito de sentido no destinatário na forma de gêneros de texto. Segundo o autor, conhecer um gênero de texto é conhecer suas condições de uso, sua pertinência, sua eficácia ou sua adequação em relação às características desse contexto social

De acordo com Bakhtin, os gêneros do discurso resultam em formas-padrão “relativamente estáveis” de um enunciado, determinadas sócio historicamente que se manifestam em textos orais e escritos. São utilizados em situação de interação social, apresentam uma estrutura mínima quanto ao conteúdo temático (assunto), plano composicional (estrutura formal) e estilo (uso da linguagem). Estas características estão totalmente relacionadas entre si e são determinadas em função das especificidades de cada esfera de comunicação, principalmente devido a sua construção composicional. Segundo o autor, conhecer um gênero de texto é conhecer suas condições de uso, sua pertinência, sua eficácia ou sua adequação em relação às características desse contexto social.

No entanto, os gêneros sofrem modificações em consequência do momento histórico ao qual estão inseridos. Cada situação social origina um gênero, com suas características que lhe são peculiares. Ao pensarmos a infinidade de situações comunicativas e que cada uma delas só é possível graças à utilização da língua, podemos perceber que infinitos também serão os gêneros, existindo em número ilimitado.

O estudo com o gênero textual permite conhecer as capacidades de linguagem envolvidas no processo de produção e recepção do texto. Dolz e Schneuwly (2004) as definem como aptidões necessárias para a realização de um texto em uma determinada situação de interação. Para desenvolver capacidades de linguagem (CL), os autores afirmam que uma sequência didática precisa relacionar aos problemas de linguagem de diferentes níveis que se relacionam a diferentes operações de linguagem em funcionamento: representação do contexto social (capacidade de ação – CA), estruturação discursiva do texto (capacidade discursiva – CD) e escolha de unidades linguísticas ou de textualização (capacidade linguística-discursiva – CLD). Apesar de terem sido separadas por níveis, essas capacidades estão diretamente entrelaçadas e uma ação não pode ser tomada como desassociada da outra.

Desse modo, refletiremos sobre a leitura do gênero crônica a fim de que possamos apresentar possibilidade de

Sabemos que o ensino de leitura está atrelado a diferentes modelos que privilegiam ou não determinados aspectos do processo de compreensão e interpretação do texto. O modelo que nos interessa é da interação autor-texto-leitor (modelo interacionista). Justifica-se, assim, propor a crônica na perspectiva do ISD, pois traz grande contribuição para a leitura, uma vez que esse gênero extrapola os limites do texto, ou melhor, não fica preso somente aos aspectos linguísticos. Segundo Leurquin (2014), o professor tem o papel de “acompanhar o processo de desenvolvimento do seu aprendiz de forma que ele possa interagir de maneira mais significativa em suas situações comunicacionais em sala de aula e fora dela, avançando, das questões mais simples às mais complexas da língua portuguesa, em função de suas necessidades”. (p.11)

Claro que não existe um método específico para ensinar o aluno a ler, mas existem estratégias que o professor pode utilizar para trabalhar o gênero textual, ensinando-o a ler compreensivamente e a aprender a partir da leitura, para que ele possa aprender de forma autônoma em uma multiplicidade de situações. Nesse contexto, pode-se oferecer propostas metodológicas contextualizadas, planejadas, que tanto facilitam nossa tarefa como professores como ajudam os alunos em sua aprendizagem, ou seja, promovendo estratégias de compreensão leitora.

Para tanto, foram selecionadas quatro crônicas do autor Rubem Braga, da obra *Ai de ti, Copacabana* (2008): “Ai de ti, Copacabana”, “O padeiro”, “A casa” e “Natal de Severino de Jesus”. Destacam-se nesses textos, a realidade brasileira e o lirismo reflexivo do cronista.

Na crônica com o mesmo título da obra, escrita em 1958, apresenta um aviso de forma irônica ao tradicional bairro boêmio do Rio de Janeiro, na forma de 22 itens, parece uma profecia bíblica do apocalipse; explora o cotidiano e os vícios da praia: “2. Ai de ti, Copacabana, porque a ti chamaram princesa do mar, e cingiram tua fronte com uma coroa de mentiras; e deste risadas ébrias e vãs no seio da noite. 3. (...) estás perdida e cega no meio de tuas iniquidades e de tua malícia. (...) 5. Grandes são os teus edifícios de cimento, e eles se postam diante do mar qual alta muralha desafiando o mar; mas eles se abaterão. Por fim, a derradeira ameaça: 22. Pinta-te qual mulher pública e coloca todas as tuas joias, e aviva o verniz de tuas unhas e canta a tua última canção pecaminosa. (...) canta a tua última canção, Copacabana!”.

O Padeiro apresenta um homem humilde que trabalha no turno noturno como padeiro. A crônica é iniciada por um narrador-expositor que dialoga com o leitor sobre a falta do pão costumeiro (greve do pão dormido). Porém, o mais instigante desse texto é que o padeiro se identificava como “ninguém”. Segundo ele, isso acontecia porque quando alguém abria a porta para receber o alimento, dizia “não é ninguém, é o padeiro”. Janeiro. Mostra, assim, o processo de interação do autor com o cotidiano. Isso permite fazer reflexões sobre a vida cotidiana, de como alguns indivíduos ou grupos sociais que exercem alguma atividade laboral são consideradas nulas socialmente, apesar de fazer um trabalho importante para a coletividade. O cronista tem como referência a greve dos donos de padarias, ocorrida em 1956 no Rio de Janeiro.

O texto *A Casa* foi escrito em maio de 1957. Nele predominam-se alguns temas que geram oposição, como, por exemplo, moderno x antigo, reclusão x liberdade, solidão x convivência, exposição x privacidade. Essa última contradição, provoca reflexão sobre o momento ao qual vivenciamos que é totalmente contrária a ideia do narrador expositor, uma vez que, vivemos na era da tecnologia digital, das auto fotografias (*selfies*). Assim, quem é adepto desse novo formato de auto exposição (grande parte da população mundial) está o tempo todo publicando imagens de si mesmo. O narrador-expositor, ao contrário, prefere a solidão, o sossego, enfim, a reclusão em sua casa: “porque a casa que eu não tenho, eu a quero cercada de muros altos, e quero as paredes bem grossas e quero muitas paredes, e dentro da casa muitas portas com trincos e trancas; e um quarto bem escuro para esconder meus segredos e outro para esconder minha solidão”. (p.52)

A crônica *Natal de Severino de Jesus* foi escrita em 1958, mas com uma temática bastante atual, porque retrata a questão do menor abandonado. O autor faz crítica tanto ao governo, quanto aos programas que deveriam ser de proteção à criança – SAM (Serviço de Assistência aos Menores), antiga FEBEM e, na atualidade Fundação Casa -, à mídia e até ao próprio autor que para fazer sua crônica vai colher assunto do cotidiano, uma vez que infere que ninguém quer resolver a problemática da criança e do adolescente desamparado: “enquanto o verdadeiro Cristo nasce em todo natal e morre em toda quaresma. Euuento essa história de Jesus menino, Severino de Jesus, para lembrar que: aquele Jesus que era o Cristo, que ele nos abençoe. Mas eu duvido um pouco que ele nos abençoe. Ele está preocupado com seu irmão Severino de Jesus, que eu, autor, abandonei. Em vista que se tornou o conhecido menor abandonado. É impossível socorrer o menor abandonado, pois se assim se fizer ele deixará de ser abandonado. E se não houver menores abandonados várias senhoras benfeitoras não terão o que fazer. E vários senhores que falam na televisão sobre o problema dos menores abandonados não terão o que dizer. E esta minha crônica de natal não terá nenhuma razão de ser.” (p.151).

Diante desses temas abordados por Rubem Braga, na obra *Ai de ti, Copacabana*, percebe-se que uma, entre tantas características da sua obra, é a atemporalidade, visto que seus textos tratam de questões atuais, mesmo tendo sido escrito na década de 50. Inicialmente, faremos o contato com o gênero crônica para conhecer a origem, o conceito, as características e os tipos. Depois, teremos como foco a leitura das crônicas supracitadas. As etapas foram desenvolvidas em forma de módulos, trazendo, além do contexto de produção, os procedimentos de textualização, os tipos de discurso e os mecanismos enunciativos.

Assim, seja bem-vindo a este material pedagógico e que seus alunos se beneficiem ao máximo dele.

Um abraço carinhoso,

Kelly Cristina de Oliveira Passos Coelho (autora)

Como o material está organizado

Este caderno é denominado “Leitura da crônica de Rubem Braga como uma proposta didática de gênero textual” é resultado de uma pesquisa de mestrado realizada pela autora do caderno. Este foi organizado em quatro módulos, desenvolvidos em conjuntos de atividades, realizadas em 23 aulas. Foram utilizadas três aulas de 45 min cada uma, por semana, mas houve semanas em que foram usadas apenas duas aulas.

O caderno pedagógico é composto por três etapas a partir da leitura interativa:

1^a – Atividades de pré-leitura: tem como finalidade principal acionar os conhecimentos previamente adquiridos pelos leitores sobre o tema tratado e, consequentemente, despertar o desejo de ler no aluno. É uma atividade de pré-leitura. Podem ser feitos alguns questionamentos, a partir ou não do título do texto, fazer associações de ideias através de palavras chaves. Deve ser feito, preferencialmente, antes do professor entregar o texto. Entretanto, o professor pode fazer com que seus alunos-leitores se familiarizem com o texto, isso pode ser feito a partir de uma rápida leitura.

2^a – Atividade de leitura: traz uma leitura estudos, mais criteriosa a fim de entender como o texto foi arquitetado, compreender como foi tecido o texto. Essa etapa aponta para o ato de ler como objetivo. O professor deve pedir aos alunos-leitores que observem se conseguem comprovar as hipóteses levantadas nos momentos anteriores. Para alcançar essa etapa, Leurquin (2014), sugere quatro entradas ao texto que são:

- **pelo contexto de produção:** contexto físico e sociosubjetivo. Entender propósito de comunicação, o gênero e suporte.
- **pelo nível organizacional:** mobiliza a infraestrutura do texto e os mecanismos de textualização (conexão, coesão nominal e coesão verbal).
- **pelo nível enunciativo:** ressalta os posicionamentos do autor do texto, de acordo com o assunto abordado, traz duas possibilidades: as vozes (do autor empírico, sociais, personagens) e as modalizações (lógica, deônticas, apreciativas, pragmáticas).
- **pelo nível semântico:** comporta os tipos de discurso e as figuras de ação.

3^a – Atividade de pós-leitura: socializar as compreensões feitas pelos alunos e retomada à primeira etapa, ratificando ou não as hipóteses levantadas; caracteriza-se por uma reflexão profunda partindo do texto, ou seja, o aluno-leitor deve fazer uma leitura crítica do texto.

Ressaltamos que essas etapas de leitura estão em consonância com a proposta de análise de textos apresentadas por Bronckart (2007), pois tem como âncora o quadro teórico do Interacionismo Sociodiscursivo, uma vez que para o autor os textos assumem funções, dentre elas, revelar o agir humano.

As crônicas foram trabalhadas em forma de módulos nessa ordem:

- 1º MÓDULO - CRÔNICA: AI DE TI, COPACABANA, Rubem Braga
- 2º MÓDULO - CRÔNICA 2: O PADEIRO, Rubem Braga
- 3º MÓDULO - CRÔNICA: A CASA, Rubem Braga
- 4º MÓDULO - CRÔNICA: NATAL DE SEVERINO DE JESUS, Rubem Braga

O que o aluno poderá aprender com a leitura dessas crônica:

- Compreender de que forma as categorias dos mundos discursivos, definidas na proposta do interacionismo sociodiscursivo, colaboram para a interpretação e compreensão do gênero crônica.
- Analisar a perspectiva do narrador-expositor na produção do gênero crônica que é estruturada no tempo do mundo narrado e no tempo do mundo comentado.
- Compreender o contexto de produção e o processo de intertextualidade presentes nas crônicas, voltados para a produção de sentido do texto.
- Reconhecer os aspectos linguísticos-discursivos do gênero crônica, para compreender o plano geral, os discursos e a sequência predominantes nas crônicas.
- Identificar as vozes e julgamentos, estabelecendo relações discursivas no processo de leitura dos textos, estimulando à reflexão.
- Formar leitores críticos e reflexivos a partir do gênero crônica, na abordagem sociodiscursiva para que possam reconhecer-se enquanto agentes do processo de transformação social.



Sumário

APRESENTAÇÃO.....	5
Como o material está organizado.....	8
O que o aluno poderá aprender com a leitura dessas crônicas.....	9
Conhecendo o gênero crônica e o autor Rubem Braga.....	11
Quem é Rubem Braga.....	15
Entrar em contato com o gênero: leitura de crônicas.....	17
MÓDULOS.....	22
Primeira crônica: Ai de ti, Copacabana.....	22
Segunda crônica: O padeiro.....	27
Terceira crônica: A casa.....	32
Quarta crônica: Natal de Severino de Jesus.....	36
Vamos fazer um curta metragem.....	40
AVALIAÇÃO.....	43
REFERÊNCIAS.....	44
APÊNDICES.....	47
Um pouco do interacionismo sociodiscursivo.....	47
Intertextualidade.....	56
Leitura interativa.....	57
ANEXOS.....	61

Conhecendo o gênero crônica e o autor Rubem Braga

Professor(a), primeiro é importante compartilhar a proposta de trabalho com os alunos e explicar passo a passo, por meio de uma roda de conversa, como serão feitos os módulos, apresentar o gênero a ser trabalhado, o autor e as atividades a serem desenvolvidas. Antes de abordar a origem e todo contexto do gênero, iniciamos com alguns questionamentos sobre a crônica para ativar os conhecimentos prévios dos alunos e fazer uma sondagem:

- ✓ Você sabe o que é uma crônica?
- ✓ Você já leu uma crônica? Qual?
- ✓ Quem era o autor?
- ✓ Você conhece algum cronista brasileiro? Qual?
- ✓ Em que lugar (suporte) as crônicas são publicadas?
- ✓ Quem costuma ler crônicas em jornal ou revistas ou em blogs na internet?
- ✓ Quem já ouviu crônicas em programas de rádio ou televisão?
- ✓ Você lembra de que assuntos tratam essas crônicas?
- ✓ Você saberia dizer algumas características de uma crônica?



Dica: você poderá acrescentar ou retirar alguns desses questionamentos. Depende da sua turma e de seus objetivos. Lembre-se que são apenas algumas sugestões que poderão ajudar no seu trabalho com a leitura.

Após esses questionamentos, apresentamos: slides sobre a crônica e o autor Rubem Braga; passamos um vídeo sobre a origem da crônica (<https://www.youtube.com/watch?v=rjHJT2WwVtg>) e o outro sobre o autor Rubem Braga (https://www.youtube.com/watch?v=eEz_rjdERiU); distribuímos para os alunos um caderno de atividades com todos os textos a ser trabalhados na aplicação do projeto (Esses cadernos são recolhidos após o final das aulas).

Segue abaixo algumas informações que poderão ser aprofundadas por você. A partir desse conhecimento, você escolherá os aspectos que utilizarão com sua turma.

O gênero crônica

A origem da palavra crônica, no seu sentido mais remoto, está associada ao vocábulo “*khrónos*” (grego) e “*chronos*” (latim) que significa tempo. Então, para os antigos a palavra designava relatar os acontecimentos históricos, verídicos, numa ordem cronológica sem precisar se aprofundar ou interpretar os fatos. Nesse período, ainda era preso ao fato jornalístico, sem refletir a visão de mundo e a opinião do autor, como uma notícia propriamente.

Como diz Jorge de Sá (1992), a história da nossa literatura brasileira nasceu da crônica, uma vez que o primeiro documento escrito foi a carta de Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manuel, pois ele relata e recria o encontro com os primeiros habitantes do Brasil, seus costumes, crenças, num confronto direto entre a cultura primitiva e a cultura

europeia. Relata também sobre a natureza recém “descoberta”, partindo de situações do cotidiano, ou seja, registrou o circunstancial daquele momento histórico, com doses de subjetividade.

Assim, a crônica passou a registrar os feitos ultramarinos do país. Aproximava-se, dessa forma, mais da história do que propriamente da literatura. Claro que a carta foi destinada a apenas um leitor – rei D. Manuel -, mas com o passar do tempo, a crônica adquire caráter mais coletivo já que se dirige a muitos leitores. Então, esse gênero assume um caráter jornalístico sem perder de vista a arte, ou seja, ela é a soma de jornalismo e literatura, é o que o Jorge de Sá denomina de “narrador-repórter”. Muita coisa se modificou na crônica desde que ela surgiu, mas não mudou a vontade de falar sobre os fatos do dia a dia, com um olhar diferente que diz muito sobre todos nós.

No início do século XX, a seção onde eram publicados os textos (contos, poemas, ensaios, artigos) recebiam o nome de folhetim, tudo muito curto, informavam aos leitores sobre acontecimentos daquele dia ou daquela semana. Entretanto, com a modernização das cidades, exigia-se mudança de atitude das pessoas que escreviam nesses folhetins. Paulo Barreto (1881-1921), pioneiro nessa mudança, “Em vez de permanecer na redação à espera de um informe para ser transformado em reportagem, o famoso autor de As religiões no Rio ia ao local dos fatos para melhor investigar e assim dar mais vida ao seu próprio texto.” (JORGE DE SÁ, 1992, p.8).

Com essa mudança, João do Rio (seu pseudônimo mais conhecido), deu à crônica nova roupagem, mais literária, tornou-se o cronista mundano, mais tarde enriquecida por Rubem Braga: “Em vez do simples registro formal, o comentário de acontecimentos que tanto poderiam ser do conhecimento público como apenas do imaginário do cronista, tudo examinado pelo ângulo da recriação do real”. (JORGE DE SÁ, 1992, p.9).

Nesse contexto, os relatos ganhavam toque de ficção, de maneira leve e solta, pois quem narra a crônica é o próprio autor, dando-nos a impressão de que aquilo que ele narra é real, como uma notícia ou reportagem de um jornal e que pretende ficar na parte superficial de seus próprios comentários. Entretanto, o cronista a partir de uma aparente superficialidade, desenvolve seu tema como se fosse “por acaso”, só que o acaso não funciona na construção literária, uma vez que o escritor, além da sensibilidade para captar aquilo que pessoas sem a mesma percepção não conseguem, eles têm que explorar as potencialidades linguísticas para provocar significados no leitor, trazendo, na maioria das vezes, algo inesperado, surpreendente, que quebre a expectativa do público.

Assim, a crônica nasce primeiro no jornal, possui um caráter efêmero, já que as notícias jornalistas “morrem” a cada 24 horas, logo, o cronista apresenta um ritmo extremamente ágil, ou seja, mostra a transitoriedade de vida corrida, cheia de acontecimentos do dia a dia, capta o circunstancial, que pode parecer insignificante, despercebido, mas que o autor com sua sensibilidade e lirismo reflete aquele brevíssimo momento da existência humana, seja ele, alegre, triste, sofrido.

Como o cronista registra os acontecimentos numa rapidez que caracteriza a vida, principalmente, a vida urbana, traz uma linguagem próxima de uma conversa entre conhecidos, ou melhor, um diálogo entre o cronista e o leitor. Utiliza, assim, uma linguagem que se aproxima da oralidade, porém, sem desleixos, pois essa conversa, não é simplesmente a transcrição da fala, mas a elaboração e a estruturação da frase, que equilibra o coloquial e o literário.

O cronista, a partir das suas experiências, convida o leitor à reflexão, deixa que seu lado sensível e espontâneo provoque outras visões, que questiona, critica, concorda, discorda, mostra, então, uma conversa com o interlocutor que nada mais do que nossa outra metade, nossa condição de ser humano que estamos a cada dia nos reconstruindo. Por conseguinte, o cronista pode trabalhar sobre qualquer assunto e cada um com seu próprio estilo. Esse gênero pode ter várias classificações: descritiva, narrativa, dissertativa, lírica (ou poética), reflexiva, humorística, metafísica, jornalística, policial, esportiva, teatral, visual, enfim, há uma infinidade de classificações ou subclassificações.

No texto “A vida ao rés-do-chão”, de Antônio Cândido (1984), conta um pouco sobre a história da crônica e a sua evolução no Brasil. Ela nasceu no jornal como folhetim, graças aos cronistas (folhetinistas), José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac, entre outros, que transitavam entre os jornais e a literatura naquela época. O folhetim tinha um espaço definido nos jornais, o rodapé ou, em francês, *rez-de-chaussée* (rés-do-chão), espaço voltado para o entretenimento. No seu texto, Cândido também cita a história da crônica. Vejamos:

Antes de ser crônica propriamente dita foi “folhetim”, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia, - políticas, sociais, artísticas, literárias. [...] Aos poucos o “folhetim” foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje. (CÂNDIDO, 1984, p.7)

Assim, certamente o rés-do-chão é o melhor lugar para a crônica, uma vez que ela é despretensiosa com uma linguagem simples que se aproxima de nós leitores, nosso modo de falar, de viver, enfim de ser gente. Fala de episódios da vida, acontecimentos mais marcantes da atualidade, assim, chama-nos a atenção para fazer reflexão sobre qualquer fato do dia a dia.

Observe o que diz Antônio Carlos Viana sobre a arte de ser cronista:

O bom cronista precisa ter uma linguagem viva, cheia de sutilezas, sempre em sintonia com o seu tempo. Deve escrever de forma simples, num tom bem próximo do leitor. Mesmo que explore o filosófico, não pode pesar a mão. A leveza deve ser uma de suas qualidades. Também pode recorrer ao humor, à ironia, ao lirismo. (ANTÔNIO CARLOS VIANA, 2011, p. 153)

O espectro da crônica é muito amplo, pode abordar temas mais complexos como a política, economia, filosofia, a assuntos mais amenos como as situações corriqueiras as quais vivenciamos. O cronista traz sempre um novo ângulo ou perspectivas interpretativas dos acontecimentos, porque prevalece o subjetivismo de cada um. Cada cronista aborda um tema do seu jeito. O cronista pode trazer uma abordagem instigante, inteligente e surpreendente a partir de coisas triviais. Claro que ele precisa saber manejar muito bem a língua, saber utilizar os instrumentos linguísticos para recriar a realidade e lançar um novo olhar sobre o circunstancial.

PARA SABER MAIS

Segue abaixo um quadro síntese com as características da crônica e outro com alguns tipos desse gênero. Mas, você e seus alunos poderão fazer pesquisas em outros sites para ampliar os conhecimentos sobre o assunto e produz um cartaz coletivo.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

- ligada à vida cotidiana;
- narrativa informal, familiar, intimista.
- uso da oralidade na escrita: linguagem coloquial;
- sensibilidade no contato com a realidade. Dose de lirismo;
- uso do fato como meio ou pretexto para o artista exercer seu estilo e criatividade;
- leveza: diz coisas sérias por meio de uma aparente conversa fiada;
- está sujeita à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna;
- é um pequeno texto, não passam de um dia para o outro;
- geralmente possui uma crítica indireta;
- muitas crônicas são narradas em tom humorístico, algumas vezes o texto é irônico;
- as crônicas, em geral, são publicadas em jornais, revistas e antologias;
- o escritor parte de situações particulares que funcionam como metáfora de situações universais;
- o escritor dialoga com o leitor;
- apresenta elementos básicos da narrativa: fatos, personagens, tempo e lugar, o tempo e o espaço são normalmente limitados;
- gênero híbrido: jornalística (notícia) e literário (ficação).

ALGUNS TIPOS

- **Descriptiva:** explora a caracterização de seres animados e inanimados em um espaço, viva como uma pintura ou uma fotografia.
- **Narrativa:** tem por eixo uma história, o que a aproxima do conto. Pode ser narrado tanto na 1^a quanto na 3^a pessoa do singular. Texto lírico (poético, mesmo em prosa). Comprometido com fatos cotidianos.
- **Dissertativa:** opinião explícita, com argumentos mais "sentimentalistas" do que "rationais". Exposto tanto na 1^a pessoa do singular quanto na do plural.
- **Lírica:** apresenta uma linguagem poética e metafórica. Nela predominam emoções, os sentimentos, traduzidos numa atitude poética.
- **Humorística:** aborda assuntos cômicos por natureza, ou ainda os cronistas constroem discursos engraçados por meio de associações inusitadas. Promove uma crítica bem-humorada aos padrões de comportamento social e às concepções de mundo estabelecidas em um determinado período histórico.
- **Jornalística:** apresenta aspectos particulares de notícias ou fatos baseados no cotidiano. Mistura fragmentos narrativos e trechos mais longos de reflexão e argumentação sobre o fato narrado.
- **Histórica:** Baseada em fatos reais, ou fatos históricos. A crônica histórica busca sempre relatar a realidade social, política ou cultural, avaliada pelo autor quase sempre com um tom de protesto ou de argumentação.

QUEM É RUBEM BRAGA

Rubem Dias Ferro Braga (1913-1990), essencialmente cronista, capta os momentos que refletem a essência da condição humana, sejam alegrias, tristeza, dores, angústias, muitas vezes despercebidos por pessoas com pouca sensibilidade ou com sensibilidade pouco aguçada. Segundo o próprio autor a verdade é o instante, ou seja, é o agora, é o momento que é efêmero, pois tudo passa, diante desse pressuposto, o cronista reflete sobre o presente, uma vez que a verdade não é o tempo que passa.

Rubem Braga traz um lirismo reflexivo nos seus textos, convidando o leitor a (re)pensar sobre as complexidades da vida, uma vez que o cronista capta com maior intensidade os breves instantes que para a maioria das pessoas deixaria escapar. Isto posto, aliando a razão à emoção, o leitor é conduzido a reencontrar o prazer de ler.

Então, esse capixaba de Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, escreve suas primeiras crônicas no jornal Correio do Sul, de propriedade de seu pai, em 1929. Escreveu para diversos jornais, fazendo críticas sociais, denunciando injustiças e combatendo governos autoritários de forma dura e firme. Por conseguinte, foi preso por duas vezes durante o Estado novo e investigado durante a ditadura militar por criticar a liberdade de imprensa e a violência praticada em nome da revolução.

Com estilo irônico, lírico e bem-humorado defendia seu ponto de vista, abordando assuntos do dia a dia, falando, muitas vezes, de si mesmo, da sua infância, juventude, amores, sempre de forma simples e impregnado de amor. Escrevia também sobre coisas da natureza, como o mar, as plantas (cajueiros, amendoeiras), os animais (passarinhos, borboletas), pescaria. Rubem Braga escrevia sobre temas da sua infância, recordações, memórias.

Apesar de ser formado em direito (em 1932) pela Faculdade de Direito de Belo Horizonte nunca exerceu a profissão. Dirigiu a página de crônicas policiais no Diário de Pernambuco, fundando em Recife o periódico Folha do



"Crônica poética, na qual alia um estilo próprio a um intenso lirismo, provocado pelos acontecimentos cotidianos, pelas paisagens, pelos estados de alma, pelas pessoas, pela natureza"

- Afrânio Coutinho (crítico literário).

"Ele foi o criador da crônica moderna. E poucos conseguiram se mover com a graça, o virtuosismo e com a perícia de Rubem."

- Haroldo de Campos (poeta, crítico e tradutor de poesia).

"Sou um homem sozinho, numa noite quieta, junto de folhagens úmidas, bebendo gravemente em honra de muitas pessoas."

(Rubem Braga)



Povo. Foi também correspondente de guerra junto à Força Expedicionária Brasileira, durante a Segunda Guerra Mundial.

Seu primeiro livro de crônica foi lançado em 1936, *O Conde e o Passarinho*, e fundou em São Paulo a revista *Problemas*, além de outras. Exerceu a função diplomática em Rabat, Marrocos, atuando também como correspondente de jornais brasileiros. Ao regressar do exterior, exerceu o jornalismo em várias cidades no país, fixando domicílio no Rio de Janeiro, onde escreveu crônicas e críticas literárias para o *Jornal Hoje*, da Rede Globo.

Como um grande escritor, poderia certamente ter se dedicado a escrita de romances, novelas ou contos, - considerados como gêneros maiores ou “gêneros nobres”, mas preferiu se dedicar à crônica, com despojamento verbal, construção ágil, direta, sem adjetivação. Sendo considerado o único escritor a conquistar um lugar definitivo na nossa literatura exclusivamente como cronista.

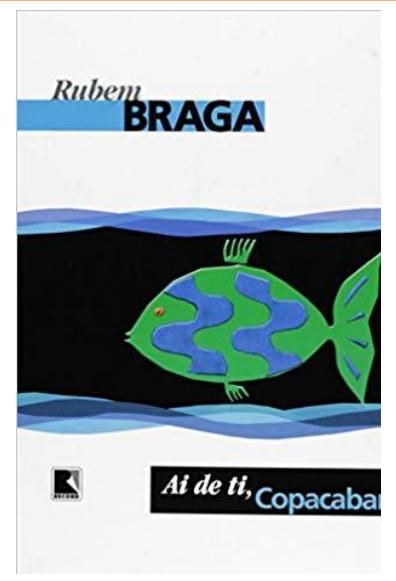
O cronista a partir de uma situação particular conta para o leitor histórias que muitas vezes funcionam como metáfora de situações universais, o que permite que façamos uma reflexão sobre diversos acontecimentos cotidianos, que sintamos a dor e o sentimento do outro, e, assim, o que era individual passa a ser coletivo, num processo de purificação. Diversas vezes até o não dito traz uma marca ideológica presente no próprio silêncio do discurso.

Bem como na construção de uma casa, que vai sendo estruturada tijolo por tijolo. Rubem Braga (1980) afirma que os escritores fazem livros que são verdadeiras casas, enquanto o cronista de jornal é como um cigano que arma sua tenda à noite e pela manhã desmancha e vai. Nesse sentido, a crônica é ao mesmo tempo uma tenda de cigano por causa da transitoriedade e uma casa pela solidez quando reunida em coletâneas, comprovando, ainda mais, o caráter híbrido desse gênero.

UM POUCO MAIS DE INFORMAÇÃO

O contexto de produção das crônicas de Rubem Braga na obra “Ai de ti, Copacabana”, remete entre abril de 1955 a março de 1960 (durante o governo JK), período em que o escritor passou por vários jornais e revistas, como é mostrado na nota introdutória da própria obra, “do Correio da Manhã foi para o Diário de Notícias e deste para a Globo. Também mudou de revista, saindo de Manchete para o Mundo Ilustrado e voltando depois para Manchete”. (p.9)

A obra foi lançada em 1962 e traz 61 crônicas. Os 10 primeiros textos foram escritos em Santiago do Chile, onde chefiou o Escritório Comercial do Brasil, órgão do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, exercendo função diplomática, exonerando-se a pedido em novembro do mesmo ano.



ENTRAR EM CONTATO COM O GÊNERO: LEITURA DE CRÔNICAS



Sugestões:

- Iniciamos a leitura com os alunos do texto “Sobre a Crônica”, de Ivan Ângelo com algumas citações de diversos escritores como do professor Antônio Cândido, por exemplo.

Sobre a crônica, Ivan Ângelo

Uma leitora se refere aos textos aqui publicados como “reportagens”. Um leitor os chama de “artigos”. Um estudante fala deles como “contos”. Há os que dizem: “seus comentários”. Outros os chamam de “críticas”. Para alguns, é “sua coluna”.

Estão errados? Tecnicamente, sim – são crônicas –, mas... Fernando Sabino, vacilando diante do campo aberto, escreveu que “crônica é tudo que o autor chama de crônica”.

A dificuldade é que a crônica não é um formato, como o soneto, e muitos duvidam que seja um gênero literário, como o conto, a poesia lírica ou as meditações à maneira de **Pascal**. Leitores, indiferentes ao nome da rosa, dão à crônica prestígio, permanência e força. Mas vem cá: é literatura ou é jornalismo? Se o objetivo do autor é fazer literatura e ele sabe fazer...

Há crônicas que são dissertações, como em Machado de Assis; outras são poemas em prosa, como em Paulo Mendes Campos; outras são pequenos contos, como em Nelson Rodrigues; ou casos, como os de Fernando Sabino; outras são evocações, como em Drummond e Rubem Braga; ou memórias e reflexões, como em tantos. A crônica tem a mobilidade de aparências e de discursos que a poesia tem – e facilidades que a melhor poesia não se permite.

Está em toda a imprensa brasileira, de 150 anos para cá. O professor Antônio Cândido observa: “Até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se acclimatou aqui e pela originalidade com que aqui se desenvolveu”.

Alexandre Eulálio, um sábio, explicou essa origem estrangeira: “É nosso familiar **essay**, possui tradição de primeira ordem, cultivada desde o amanhecer do periodismo nacional pelos maiores poetas e prosistas da época”. Veio, pois, de um tipo de texto comum na imprensa inglesa do século XIX, afável, pessoal, sem cerimônia e no entanto pertinente.

Por que deu certo no Brasil? Mistérios do leitor. Talvez por ser a obra curta e o clima, quente.

A crônica é frágil e íntima, uma relação pessoal. Como se fosse escrita para um leitor, como se só com ele o narrador pudesse se expor tanto. Conversam sobre o momento, cúmplices: nós vimos isto, não é leitor? Vivemos isto, não é? Sentimos isto, não é? O narrador da crônica procura sensibilidades irmãs.

Se é tão antiga e íntima, por que muitos leitores não aprenderam a chamá-la pelo nome? É que ela tem muitas máscaras. Recorro a Eça de Queirós, mestre do estilo antigo. Ela “não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que conta aos seus amigos tudo o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando”.

A crônica mudou, tudo muda. Como a própria sociedade que ela observa com olhos atentos. Não é preciso comparar grandezas, botar Rubem Braga diante de Machado de Assis. É mais exato apreciá-la desdobrando-se no tempo, como fez Antônio Cândido em “A vida ao rés-do-chão”: “Creio que a fórmula moderna, na qual entram um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu **quantum satis** de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma”. Ainda ele: “Em lugar de oferecer um cenário excelsa, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”.

Elementos que não funcionam na crônica: grandiloquência, sectarismo, enrolação, arrogância, prolixidade. Elementos que funcionam: humor, intimidade, lirismo, surpresa, estilo, elegância, solidariedade.

Cronista mesmo não “se acha”. As crônicas de Rubem Braga foram vistas pelo sagaz professor Davi Arrigucci como “forma complexa e única de uma relação do Eu com o mundo”. Muito bem. Mas Rubem Braga não se achava o tal. Respondeu assim a um jornalista que lhe havia perguntado o que é crônica:

– Se não é aguda, é crônica.

<https://vejasp.abril.com.br/cidades/sobre-cronica/>

VOCABULÁRIO

Essay: significa “ensaio” em português, um gênero inaugurado por Michel de Montaigne (1533-1592); vem da palavra francesa *essayer* (“tentar”). É, basicamente, uma composição que descreve, explica e analisa algum assunto específico.

Pascal: Blaise Pascal (1623-1662), teólogo católico francês, matemático, filósofo, físico, inventor (aos 19 anos ele inventou a primeira máquina de calcular. Chamada de máquina de aritmética). Autor de Pensamentos. Pascal escreveu textos importantes sobre o método científico.

Quantum satis: em latim “quantidade suficiente”.

ESTUDO DO TEXTO



1. Segundo o texto, a crônica é confundida com outros gêneros. Quais seriam esses gêneros?

A crônica pode ser confundida com reportagens, artigos, contos, comentários, críticas e, até, coluna.

2. Por que não é fácil conceituar crônica?

Porque a crônica não tem um formato único, como outros gêneros textuais como o conto, por exemplo. Ela pode aparecer com diversos formatos: dissertações, poemas em prosa, pequenos contos, casos, evocações, memórias e reflexões.

3. Quais autores citados falam sobre a crônica?

Eça de Queiroz: “não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que conta aos seus amigos tudo o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando”.

Antônio Cândido em “A vida ao rés-do-chão”: “Creio que a fórmula moderna, na qual entram um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu quantum satis de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma”. Ainda ele: “Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”.

4. Qual a origem do gênero crônica? Por que pode ser considerado com um gênero tipicamente brasileiro?

A crônica surgiu a partir de um tipo de texto comum na imprensa inglesa do século XIX chamado *essay*. Era um texto afável, pessoal, sem-cerimônia e, no entanto, pertinente. É considerado como gênero tipicamente brasileiro, porque aqui no Brasil, esse gênero se desenvolveu com muita naturalidade.

5. Crônica é literatura ou jornalismo? Justifique.

A crônica, por seu caráter híbrido, pode ser literatura (ficção) e jornalismo (notícia), possibilitando ao leitor fazer reflexões sobre o assunto abordado.

6. Como você explica esta citação: “Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”.

POSSIBILIDADE DE RESPOSTA: Significa que o cronista se apropria de coisas simples, pequenas, do dia a dia, e transforma em texto únicos, belos, sem tratar de coisas consideradas elevadas.

7. Segundo o autor do texto, grandiloquência, sectarismo, enrolação, arrogância e prolixidade elementos que não funcionam na crônica; já o humor, a intimidade, o lirismo, a surpresa, o estilo, a elegância e a solidariedade são elementos que funcionam. De acordo com tal afirmação, o que essas características sugerem?

POSSIBILIDADE DE RESPOSTA: Essa características sugerem que a crônica é um texto leve, como uma linguagem simples, porém elegante e que traz quebra de expectativa, ou seja, promove, surpresa para o leitor.

8. Cronista mesmo não “se acha”. As crônicas de Rubem Braga foram vistas pelo sagaz professor Davi Arrigucci como “forma complexa e única de uma relação do Eu com o mundo”. Muito bem. Mas Rubem Braga não se achava o tal. Respondeu assim a um jornalista que lhe havia perguntado o que é crônica: – Se não é aguda, é crônica.”. Como você analisa o enunciado acima? Justifique.

POSSIBILIDADE DE RESPOSTA: o cronista faz uma brincadeira com o significado das palavras. A dor aguda surge de repente e precisa ser descoberta a causa que pode ser resolvida e tratada, mas quando ela é permanece, torna-se crônica, ou seja, fica permanente.

9. Como base no que foi discutido, que características podemos inferir, que a crônica possui? Que temas podem aparecer numa crônica? Qual a relação entre o leitor e escritor numa crônica? **POSSIBILIDADE DE RESPOSTA:** **Características:** gênero híbrido (notícia e ficção), leveza, simplicidade...

Temas: assuntos relacionados ao cotidiano de determinado contexto histórico.

Relação entre o leitor e o cronista: existe uma intimidade, é como se a crônica fosse escrita para um leitor, como se só com ele o narrador pudesse se expor tanto. Há um diálogo entre o leitor e o narrador-expositor.

Dica

- ✚ No término dessa aula, poderá ir a sala de informática com os alunos, pesquisar algo mais sobre o autor, anotar o que considerar interessante sobre a vida do cronista e produzir um cartaz coletivo.

Leitura de outras crônicas

- Organização da turma em 6 grupos: distribuição dos cadernos de atividades e solicitar que cada grupo leia uma crônica extraídas do livro *Ai de ti Copacabana* e depois dar um tempo para a turma socializar.
- No final, fazer um questionário oral:
 - ✚ O que acharam da crônica?
 - ✚ Encontrou alguma coisa que você nunca tinha ouvido falar?
 - ✚ Que sentimentos ou emoções a crônica despertou?
 - ✚ A linguagem é atual?
 - ✚ Qual era o assunto?
 - ✚ O autor fazia parte da situação narrada ou estava como observador?
 - ✚ Quais os objetivo da leitura lida (entreter, divertir, criticar, levar à reflexão)?
- Nas páginas a seguir estão os textos lidos.

Texto 1 - Bilhete a um candidato

"Olhe aqui, Rubem. Para ser eleito vereador, eu preciso de três mil votos. Só lá no Jockey, entre tratadores, jóqueis, empregados e sócios eu tenho, no mínimo mesmo, trezentos votos certos; vamos botar mais cem na Hípica, Bem, quatrocentos. Pessoal de meu clube, o Botafogo, calculando com o máximo de pessimismo, seiscentos. Aí já estão mil.

"Entre colegas de turma e de repartição contei, seguros, duzentos; vamos dizer, cem. Naquela fábrica da Gávea, você sabe, eu estou com tudo na mão, porque tenho apoio por baixo e por cima, inclusive dos comunas; pelo menos oitocentos votos certos, mas vamos dizer, quatrocentos. Já são mil e quinhentos.

"Em Vila Isabel minha sogra é uma potência, porque essas coisas de igreja e caridade tudo lá é com ela. Quer saber de uma coisa? Só na Vila eu já tenho a eleição garantida, mas vamos botar: quinhentos. Aí já estão, contando miseravelmente, mas mi-se-ra-vel-men-te, dois mil. Agora você calcule: Tuizinho no Méier, sabe que ele é médico dos pobres, é um sujeito que se quisesse entrar na política acabava senador só com o voto da zona norte; e é todo meu, batata, cem por cento, vai me dar pelo menos mil votos. Você veja, poxa, eu estou eleito sem contar mais nada, sem falar no pessoal do cais do porto, nem postalistas, nem professoras primárias, que só aí, só de professoras, vai ser um xuá, você sabe que minha mãe e minha tia são diretoras de grupo. Agora bote choferes, garçons, a turma do clube de xadrez e a colônia pernambucana como é que é!

"E o Centro Filatelista? Sabe quantos filatelistas tem só no Rio de Janeiro? Mais de quatro mil! E nesse setor não tem graça, o papai aqui está sozinho! É como diz o Gonçalves: sou o candidato do olho-de-boi!

"E fora disso, quanta coisa! Diretor de centro espírita, tenho dois. E o eleitorado independente? E não falei do meu bairro, poxa, não falei de Copacabana, você precisa ver como ela em casa, o telefone não pára de tocar, todo mundo pedindo cédula, cédula, até sujeitos que eu não vejo há mais de dez anos. E a turma da Equitativa? O Fernandão garante que só lá tenho pelo menos trezentos votos. E o Resseguro, e o reduto do Goulart em Maria da Graça, o pessoal do fórum... Olhe, meu filho, estou convencido de que fiz uma grande besteira: eu devia ter saído era para deputado!"

Passei uma semana sem ver meu amigo candidato; no dia 30 de setembro, três dias antes das eleições, esbarrei com ele na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, todo vibrante, cercado de amigos; deu-me um abraço formidável e me apresentou ao pessoal: "este aqui é meu, de cabresto!"

Atulhou-me de cédulas.

Meu caro candidato:

Você deve ter notado que na 122ª seção da quinta zona, onde votei, você não teve nenhum voto. Palavra de honra que eu ia votar em você; levei uma cédula no bolso. Mas você estava tão garantido que preferi ajudar outro amigo com meu votinho. Foi o diabo. Tenho a impressão de que os outros eleitores pensaram a mesma coisa, e nessa marcha da apuração, se você chegar a trezentos votos ainda pode se consolar, que muitos outros terão muito menos do que isso. Aliás, quem também estava lá e votou logo depois de mim foi o Gonçalves dos selos.

Sabe uma coisa? Acho que esse negócio de voto secreto no fundo é uma indecência, só serve para ensinar o eleitor a mentir: a eleição é uma grande farsa, pois se o cidadão não pode assumir a responsabilidade de seu próprio voto, de sua opinião pessoal, que porcaria de República é esta?

Vou lhe dizer uma coisa com toda franqueza: foi melhor assim. Melhor para você. Essa nossa Câmara Municipal não era mesmo lugar para um sujeito decente como você. É superdesmoralizada. Pense um pouco e me dará razão. Seu, de cabresto, o Rubem.

Rubem. Rio, outubro, 1958

Texto 2 - A Deus e ao Diabo Também

Ela então me contou seus pecados; primeiro, o primeiro, quando ainda era mocinha; depois o mais feio, que foi coisa que ela não queria, foi resistindo, mas você comprehende, chegou a um ponto em que não dava mais jeito. O pior é que nessa ocasião tinha um rapaz de quem ela gostava muito e queria ser fiel a ele; "foi sujeira", confessa, "foi sujeira minha"; mas a verdade é que a coisa veio devagar, foi aceitando presentes, depois não sabia o que seria mais vigarista: negar-se ou dar-se; aliás tinha uma simpatia sincera pelo sujeito; mas gostar mesmo era do outro. E contou mais algumas coisas. Disse uma palavra feia a respeito de si mesma e pediu minha opinião:

- Não é verdade? - me olhando nos olhos.

Calei-me; ela insistiu, eu fiz uma evasiva meiga:

- Você é um amor.

Então, meu Deus, ela se pôs filosófica. Esticou o longo corpo no sofá, sustentou a cabeça com as mãos:

- Esta vida...

E disse coisas; mas sempre queria saber minha opinião. Que eu era um homem vivido, eu sabia das coisas, era um escritor. Ponderei que essas coisas quem sabe melhor é padre; de preferência padre velho, que já ouviu muita história, sabe dar conselho. Disse que não; que padre, ela já sabe o que padre vai dizer, de maneira que não adianta; "não gosto de padres".

- Mas você não é católica?

Era, mas não gostava de padres Isto é, conheceu um padre que era formidável, aliás, era um frade. "Qual a diferença?" Dei uma resposta vaga, ela fez "ahn..." e virou-se, ergueu uma longa perna no ar, em um movimento perfeito: "Preciso voltar a fazer ballet, eu ando muito preguiçosa".

Depois, com o olho triste, confessou que às vezes danava a pensar no futuro, tinha medo. Notei:

- "Pensava no futuro e tinha medo." Isto é um verso de Augusto dos Anjos, você disse quase igual.

Ficou encantada em ter dito uma coisa parecida com o verso de um poeta; pensei em dizer que ela fazia poesia como monsieur Jordan fazia prosa, mas a citação era muito trivial e, no caso, daria muito trabalho explicar. Agora ela estava deitada com as mãos atrás da cabeça (os seios quase sumiam) e erguendo as pernas fazia flexões de joelho, perfeitas.

- Quanto livro você tem aí! Eu sou tão ignorante! Precisava ler muitos livros.

Ergueu-se tirou um livro da estante. Era Soviet Economic Aid, de Berliner. Pegou outro, era O Fantasma da Inflação, de Humberto Bastos.

Olhou as capas, comentou apenas:

- Eu sou burra...

- Porque você usa esse penteado assim?

Então ela confessou que tinha a testa muito feia, aliás achava que tinha muitas coisas feias.

- Eu sou cheia de complexos.

Eu disse com severidade:

- Você devia toda manhã agradecer a Deus, ajoelhada, tudo o que ele lhe deu.

Ela riu, ensaiou uns passos de ballet, elevou no ar um pé nu:

- A Deus ou ao Diabo?

- Ao Diabo também.

Sem interromper o exercício, ela me olhou de lado:

- Você é gozado.

Rio, outubro, 1959.

Quem Sabe Deus está Ouvindo

Outro dia eu estava distraído, chupando um caju na varanda, e fiquei com a castanha na mão, sem saber onde botar. Perto de mim havia um vaso de antúrio; pus a castanha ali, colocando-a um pouco para entrar na terra, sem sequer me dar conta do que fazia.

Na semana seguinte a empregada me chamou a atenção: a castanha estava brotando. Alguma coisa verde saía da terra, em forma de concha. Dois ou três dias depois acordei cedo, e vi que durante a noite aquela coisa verde lançara para o ar um caule com pequenas folhas. É impressionante a rapidez com que aquela plantinha cresce e vai abrindo folhas novas. Notei que a empregada regava com especial carinho a planta, e caçoei dela:

– Você vai criar um cajueiro aí?

Embaraçada, ela confessou: tinha de arrancar a mudinha, naturalmente; mas estava com pena.

– Mas é melhor arrancar logo, não é?

Fiquei em silêncio. Seria exagero dizer: silêncio criminoso – mas confesso que havia nele um certo remorso. Um silêncio covarde. Não tenho terra onde plantar um cajueiro, e seria uma tolice permitir que ele crescesse ali mais alguns centímetros, sem nenhum futuro. Eu fora o culpado, com meu gesto leviano de enterrar a castanha, mas isso a empregada não sabe; ela pensa que tudo foi obra do acaso. Arrancar a plantinha com a minha mão – disso eu não seria capaz; nem mesmo dar ordem para que ela o fizesse. Se ela o fizer, darei de ombros e não pensarei mais no caso; mas que o faça com a sua mão, por sua iniciativa. Para a castanha e sua linda plantinha seremos dois deuses contrários, mas igualmente ignaros: eu, o deus da Vida; ela, o da Morte.

Hoje pela manhã ela começou a me dizer alguma coisa – “seu Rubem, o cajueirinho...” – mas o telefone tocou, fui atender, e a frase não se completou. Agora mesmo ela voltou da feira; trouxe um pequeno vaso com terra e transplantou para ele a mudinha.

Veio me mostrar:

– Eu comprei um vaso...
– Ahn...



Depois de um silêncio, eu disse:

– Cajueiro sente muito a mudança, morre à toa...
Ela olhou a plantinha e disse com convicção:

– Esse aqui não vai morrer, não senhor.

Eu devia lhe perguntar o que ela vai fazer com aquilo, daqui a uma, duas semanas. Ela espera, talvez, que eu o leve para o quintal de algum amigo; ela mesmo não tem onde plantá-lo. Senti que ela tivera medo que eu a censurasse pela compra do vaso, e ficara aliviada com a minha indiferença. Antes de me sentar para escrever, eu disse, sorrindo, uma frase profética, dita apenas por dizer:

– Ainda vou chupar muito caju desse cajueiro!

Ela riu muito, depois ficou séria, levou o vaso para a varanda, e, ao passar por mim na sala, disse baixo com certa gravidade:

– É capaz mesmo, seu Rubem; quem sabe Deus está ouvindo o que o senhor está dizendo...

Mas eu acho, sem falsa modéstia, que Deus deva andar muito ocupado com as bombas de hidrogênio e outros assuntos maiores.

Rio. Janeiro, 1960.

Sobre o amor, desamor

Chega a notícia de que um casal de estrangeiros, nosso amigo, está se separando. Mais um! É tanta separação que um conhecido meu, que foi outro dia a um casamento grã-fino, me disse que, na hora de cumprimentar a noiva, teve a vontade idiota de lhe desejar felicidades “pelo seu primeiro casamento”.

E essas notícias de separação muito antes de sair nos jornais correm com uma velocidade espantosa. Alguém nos conta sob segredo de morte, e em três ou quatro dias percebemos que toda a cidade já sabe — e ninguém morre por causa disso.

Uns acham graça em um detalhe ou outro. Mas o que fica, no fim, é um ressaibo amargo — a ideia das aflições e melancolias desses casos.

Ah, os casais de antigamente! Como eram plácidos e sábios e felizes e serenos...

(Principalmente vistos de longe. E as angústias e renúncias, e as longas humilhações caladas? Conheci um casal de velhos bem velhinhos, que era doce ver — os dois sempre juntos, quietos, delicados. Ele a desprezava. Ela o odiava.)

Sim, direis, mas há os casos lindos de amor para toda a vida, a paixão que vira ternura e amizade. Acaso não acreditais nisso, detestável Braga, pessimista barato?

E eu vos direi que sim. Já me contaram, já vi. É bonito. Apenas não entendo bem por que sempre falamos de um caso assim com uma ponta de pena. (“Eles são tão unidos, coitados.”) De qualquer modo, é mesmo muito bonito; consola ver. Mas, como certos quadros, a gente deve olhar de uma certa distância.

“Eles se separaram” pode ser uma frase triste, e às vezes nem isso. “Estão se separando” é que é triste mesmo.

Adultério devia ser considerado palavra feia, já não digo pelo que exprime, mas porque é uma palavra feia. Concubina também. Concubinagem devia ser simplesmente riscada do dicionário; é horrível.

Mas do lado legal está a pior palavra: cônjuge. No dia em que uma mulher descobre que o homem, pelo simples fato de ser seu marido, é seu cônjuge, coitado dele.

Mas no meio de tudo isso, fora disso, através disso, apesar disso tudo — há o amor. Ele é como a lua, resiste a todos os sonetos e abençoa todos os pântanos.

Rio, setembro, 1957.



São Cosme e São Damião

Escrevo no dia dos meninos. Se e fosse escolher santos, escolheria sem dúvida nenhuma São Cosme e São Damião, que morreram decapitados já homens feitos, mas sempre são representados como dois meninos, dois gêmeos de ar bobinho, na cerâmica ingênua dos santeiros do povo.

São Cosme e São Damião passaram o dia de hoje visitando os meninos que estão com febre e dor de cabeça por causa da asiática, e deram muitos doces e balas aos meninos sãos. E diante deles sentimos vontade de ser bons meninos e também de ser meninos bons. E rezar uma oração.

“São Cosme e São Damião, protegei os meninos de Brasil, todos os meninos e meninas do Brasil.

Protegi os meninos ricos, pois toda a riqueza não impede que eles possam ficar doentes ou tristes, ou viver coisas tristes, ou ouvir ou ver coisas ruins.

Protegi os meninos dos casais que não se separam e se dizem coisas amargas e fazem coisas que os meninos vêem, ouvem, sentem.

Protegi os filhos dos homens bêbados e estúpidos, e também os meninos das mães histéricas ou ruins.

Protegi o menino mimado a quem os mimos podem fazer mal e protegi os órfãos, os filhos sem pai, e os enjeitados.

Protegi o menino que estuda e o menino que trabalha, e protegi o menino que é apenas moleque de rua e só sabe pedir esmola e furtar.

Protegi ó São Cosme e São Damião! – protegi os meninos protegidos pelos asilos e orfanatos, e que aprendem a rezar e obedecer e andar na fila e ser humildes, e os meninos protegidos pelo SAM, ah! São Cosme e São Damião, protegi muitos os pobres meninos protegidos!

E protegi sobretudo os meninos pobres dos morros e dos mocambos, os tristes meninos da cidade e os meninos amarelos, e barrigudinhos da roça, protegi suas canelinhas finas, suas cabecinhas sujas, seus pés que podem pisar em cobra e seus olhos que podem pegar tracoma – e afastai de todo perigo e de toda maldade os meninos do Brasil, os louros e os escurinhos, todos os milhões de meninos deste grande e pobre e abandonado meninão triste que é o nosso Brasil, ó Glorioso São Cosme, Glorioso São Damião!”

Rio, setembro, 1957.



A TARTARUGA

Moradores de Copacabana, comprai vossos peixes na Peixaria Bolívar, Rua Bolívar, 70, de propriedade do Sr. Francisco Mandarino. Porque eis que ele é um homem de bem.

O caso foi que lhe mandaram uma tartaruga de cerca de cento e cinqüenta quilos, dois metros e (dizem) duzentos anos, a qual ele expôs em sua peixaria durante três dias e não quis vender; e levou até a praia, e a soltou no mar.

Havia um poeta dormindo dentro do comerciante, e ele reverenciou a vida e a liberdade na imagem de uma tartaruga.

Nunca mateis a tartaruga.

Uma vez, na casa de meu pai, nós matamos uma tartaruga. Era uma grande, velha tartaruga-do-mar que um compadre pescador nos mandara para Cachoeiro.

Juntam-se homens para matar uma tartaruga, e ela resiste horas. Cortam-lhe a cabeça, ela continua a bater as nadadeiras. Arrancam-lhe o coração, ela continua a pulsar. A vida entranhada nos seus tecidos com uma teimosia que inspira respeito e medo. Um pedaço de carne cortado, jogado ao chão, treme sozinho, de súbito. Sua agonia é horrível e insistente como um pesadelo.

De repente os homens para e se entreolham, com o vago sentimento de estar cometendo um crime.

Moradores de Copacabana, comprai vossos peixes na Peixaria Bolívar, de Francisco Mandarino, porque nele, em um momento belo de sua vida vulgar, o poeta venceu o comerciante. Porque ele não matou a tartaruga.

Rio, julho, 1959.



MÓDULOS

ATIVIDADE DE LEITURA INICIAL

QUESTIONAMENTOS SOBRE O TÍTULO DA CRÔNICA A SER TRABALHADA



1^a CRÔNICA: AI DE TI, COPACABANA

As aulas interativas de leitura foram realizadas seguindo essas etapas:

- 1^a: acionar os conhecimentos previamente adquiridos pelos leitores sobre o tema tratado;
- 2^a: compreender o contexto de produção e os níveis do texto;
- 3^a: socializar as compreensões feitas pelos alunos e retomada à primeira etapa – ratificar ou não as hipóteses levantadas.

Primeira etapa – Atividade de pré-leitura

- Acionamento dos conhecimentos prévios dos alunos a partir do título da crônica:

- ✚ Esse título chama a atenção? Por quê?
- ✚ O que ele sugere?
- ✚ Pelo título dá pra imaginar o assunto da crônica?
- ✚ Ele insinua de quais personagens a crônica irá tratar? Qual o cenário?
- ✚ Que situação vocês acham que essa crônica vai retratar?
- ✚ Em quais situações usamos a expressão “Ai de ti”?



- Os alunos podem registrar suas primeiras impressões.

Segunda etapa – Atividade de leitura:

- 1º - Leitura silenciosa** feita pelos alunos;
- 2º- Leitura coletiva:** cada aluno lê um item (parágrafo).
- 3º -** Leitura feita pela professora e os alunos acompanham.

Terceira etapa – Atividade de pós-leitura

- Nessa última etapa da aula, os alunos confrontam as hipóteses levantadas na primeira etapa com as informações contidas no texto a fim de validá-las.
- Pode propor um momento de reflexão, objetivando dialogar com a contemporaneidade a partir das últimas notícias no Brasil (manchetes de jornais tirados da internet).
- Pode pesquisar dados da violência e do desmatamento no Brasil na sala de informática, em casa ou nos seus celulares. Concluir com a música de Alceu Valença: Ai de ti, Copacabana.





Ai de ti, Copacabana

Rubem Braga (2008, p. 91-94)

1. Ai de ti, Copacabana, porque eu já fiz o sinal bem claro de que é chegada a véspera de teu dia, e tu não viste; porém minha voz te abalará até as entranhas.
2. Ai de ti, Copacabana, porque a ti chamaram Princesa do Mar, e cingiram tua fronte com uma coroa de mentiras; e deste risadas ebrias e vãs no seio da noite.
3. Já movi o mar de uma parte e de outra parte, e suas ondas tomaram o Leme e o Arpoador, e tu não viste este sinal; estás perdida e cega no meio de tuas iniquidades e de tua malícia.
4. Sem Leme, quem te governará? Foste iníqua perante o oceano, e o oceano mandará sobre ti a multidão de suas ondas.
5. Grandes são teus edifícios de cimento, e eles se postam diante do mar qual alta muralha desafiando o mar; mas eles se abaterão.
6. E os escuros peixes nadarão nas tuas ruas e a vasa fétida das marés cobrirá tua face; e o setentrião lançará as ondas sobre ti num referver de espumas qual um bando de carneiros em pânico, até morder a aba de teus morros; e todas as muralhas ruirão.
7. E os polvos habitarão os teus porões e as negras jamantas as tuas lojas de decorações; e os meros se entocarão em tuas galerias, desde Menescal até Alaska.
8. Então quem especulará sobre o metro quadrado de teu terreno? Pois na verdade não haverá terreno algum.
9. Ai daqueles que dormem em leitos de pau-marfim nas câmaras refrigeradas, e desprezam o vento e o ar do Senhor, e não obedecem à lei do verão.
10. Ai daqueles que passam em seus cadilaques buzinando alto, pois não terão tanta pressa quando virem pela frente a hora da provação.
11. Tuas donzelas se estendem na areia e passam no corpo óleos odoríferos para tostar a tez, e teus mancebos fazem das lambretas instrumentos de concupiscência.
12. Uivai, mancebos, e clamai, mocinhas, e rebolai-vos na cinza, porque já se cumpriram vossos dias, e eu vos quebrantarei.
13. Ai de ti, Copacabana, porque os badejos e as garoupas estarão nos poços de teus elevadores, e os meninos do morro, quando for chegado o tempo das tainhas, jogarão tarrafas no Canal do Cantagalo; ou lançarão suas linhas dos altos do Babilônia.
14. E os pequenos peixes que habitam os aquários de vidro serão libertados para todo o número de suas gerações.
15. Por que rezais em vossos templos, fariseus de Copacabana, e levais flores para Iemanjá no meio da noite? Acaso eu não conheço a multidão de vossos pecados?
16. Antes de te perder eu agravarei tua demência — ai de ti, Copacabana! Os gentios de teus morros descerão uivando sobre ti, e os canhões de teu próprio Forte se voltarão contra teu corpo, e troarão; mas a água salgada levará milênios para lavar os teus pecados de um só verão.
17. E tu, Oscar, filho de Ornstein, ouve a minha ordem: reserva para Iemanjá os mais espaçosos aposentos de teu palácio, porque ali, entre algas, ela habitará.
18. E no Petit Club os siris comerão cabeças de homens fritas na casca; e Sacha, o homem-rã, tocará piano submarino para fantasmas de mulheres silenciosas e verdes, cujos nomes passaram muitos anos nas colunas dos cronistas, no tempo em que havia colunas e havia cronistas.
19. Pois grande foi a tua vaidade, Copacabana, e fundas foram as tuas mazelas; já se incendiou o Vogue, e não viste o sinal, e já mandei tragar as areias do Leme e ainda não vês o sinal. Pois o fogo e a água te consumirão.
20. A rapina de teus mercadores e a libaçao de teus perdidos; e a ostentação da hetaira do Posto Cinco, em cujos diamantes se coagularam as lágrimas de mil meninas miseráveis — tudo passará.
21. Assim qual escuro alfanje a nadadeira dos imensos cações passará ao lado de tuas antenas de televisão; porém muitos peixes morrerão por se banharem no uísque falsificado de teus bares.
22. Pinta-te qual mulher pública e coloca todas as tuas joias, e aviva o verniz de tuas unhas e canta a tua última canção pecaminosa, pois em verdade é tarde para a prece; e que estremeça o teu corpo fino e cheio de máculas, desde o Edifício Olinda até a sede dos Marimbás porque eis que sobre ele vai a minha fúria, e o destruirá. Canta a tua última canção, Copacabana!

Rio de Janeiro, 1958.



QUESTIONAMENTOS

- **Oral:** O que vocês levantaram como hipóteses, no início, foi confirmado ou não? Por quê?

- Conhecer o contexto de produção.
- Vídeos do Rio de Janeiro em várias épocas. (https://www.youtube.com/watch?v=vxMEew_eLFs) e Releitura de Ai de ti, Copacabana (<https://www.youtube.com/watch?v=4oFVCXhELxE>)
- Deixar os alunos à vontade para comentar.

- **Escrito:** Você já sabe que a crônica é um gênero textual híbrido, que oscila entre a literatura e o jornalismo. Resultado da visão pessoal do cronista, a crônica relata, normalmente, um fato colhido no noticiário do jornal ou no cotidiano. Pensando nisso, responda:

1. Onde e quando foi escrito esse texto?

Rio de Janeiro, 1958.

2. Que fato desencadeou essa crônica?

O fato que desencadeou essa crônica foi a especulação do terreno imobiliário no Rio de Janeiro, onde se destruiu a paisagem natural para a construção civil, em busca do progresso, na época do governo JK.

3. Esse fato pertence ao noticiário do jornal ou do cotidiano?

Embora esse fato pertença ao cotidiano, muitas notícias eram reportadas nos jornais da época.

4. O autor é observador ou personagem (foco narrativo)?

O narrador é um observador que expõe o que vê como se fizesse um profeta bíblica que irá se realizar, logo, é um ser superior, um profeta que tem o poder de prever o futuro.

5. "Ai de ti, Copacabana" a quem o narrador se dirige?

Com que objetivo?

O narrador dirige-se ao bairro de Copacabana no RJ, apresenta uma intimidação irônica ao tradicional bairro boêmio na forma de 22 itens que exploram o cotidiano e os vícios da praia.

6. Que ideias e/ou sentimentos esse texto despertou em você?

PESSOAL.

7. De acordo com a crônica quais eram os maiores problemas de Copacabana naquela época?

Dentre outros problemas apontados estão: exploração do terreno imobiliário, vaidade, cobiça, hipocrisia.

O que motivou Rubem Braga?

Ano de 1956 – Presidente Juscelino Kubitscheck – meta do governo com o lema: “Cinquenta anos em cinco”.

Acelerar o desenvolvimento industrial; criação de indústrias estrangeiras; êxodo rural – cidades com população excedente; transformação da paisagem urbana pelo desmatamento e construção civil.

Copacabana, considerado um bairro da elite, sofre com a especulação imobiliária que atende a nova clientela: a burguesia industrial e urbana do país. Precipita-se a ocupação desordenada do espaço. Muitos dos seus antigos e mais importantes prédios são demolidos para dar lugar aos modernos edifícios e aos centros comerciais.

Busca pela ascensão em detrimento dos antigos valores morais e culturais, assim, Rubem Braga tece um ponto em comum entre Copacabana e as cidades de Sodoma e Gomorra, descritas na Bíblia, destruídas por “Javé”, e tomadas como símbolo da corrupção e da injustiça em várias passagens bíblicas.



DIÁLOGOS ENTRE OS TEXTOS**VER DOIS VÍDEOS:**

[Amós 6:4-6](https://www.youtube.com/watch?v=wk6Qe1ViNyE) (Antigo Testamento)
(<https://www.youtube.com/watch?v=wk6Qe1ViNyE>)

[Mateus 11:20-22](https://www.youtube.com/watch?v=NTjyy6VpG6s) (Novo Testamento)
(<https://www.youtube.com/watch?v=NTjyy6VpG6s>)

QUESTIONAMENTOS ESCRITOS (Relação de itens da crônica com os versículos bíblicos)

1. Releia estes trechos: " Ai de ti; referver de espumas bando de carneiros em pânico as muralhas ruirão a hora da provação Porque rezais em vossos templos. Fariseus a multidão de vossos pecados porque eis que sobre ele vai a minha fúria, e o destruirá pois o fogo e a água te consumirão". Com qual texto a crônica dialoga? Justifique.

A crônica dialoga com o dilúvio bíblico, no qual os pecadores foram mortos pelas águas. Dialoga também com a passagem bíblica da destruição de Sodoma e Gomorra, onde o fogo as destruiu; bíblicamente, as duas cidades eram consideradas pecadoras. A cidade do Rio de Janeiro fica à beira mar e poderá ser destruída por ondas que tomaram à cidade e provocará a morte dos pecadores "destruição pecaminosa de Copacabana.".

2. Os parágrafos numerados do texto lembram modelos de outros textos? Que modelos seriam esses?

Sim, os parágrafos numerados lembram capítulos e versículos bíblicos.

3. Releia o trecho a seguir e explique a que ele se refere: "Porque rezais em vossos templos, fariseus de Copacabana, e levais flores para lemanjá no meio da noite?" O que o narrador de "Ai te ti, Copacabana" expressa por meio do texto?

O narrador expressa a hipocrisia dos moradores do bairro que pregam uma religião convencional, mas, às escondidas, vão levar oferendas para a Rainha do Mar, que representa entidades religiosas de matrizes africanas, Candomblé e Umbanda.

4. A que atribuem as formas verbais no futuro do indicativo: "ela habitará", "os siris comerão", "aggravarei", etc.?

As formas verbais atribuem-se às frases de propriedades proféticas, semelhantes a da linguagem ao qual o texto dialogo. Transmite para o leitor um tom ameaçador.

5. Quais itens da crônica se assemelham com os versículos bíblicos abaixo?

a) Ai dos que dormem em camas de marfim, e se estendem sobre os seus leitos, e comem os cordeiros do rebanho, e os bezerros do meio do curral; Que cantam ao som da viola, e inventam para si instrumentos musicais, assim como Davi; Que bebem vinho em taças, e se ungem com o mais excelente óleo: mas não se afligem pela ruína de José;
Amós 6:4-6

Assemelha-se ao parágrafo nove. Mostra certos privilégios, não reconhecem os humildes e não obedecem à lei de Deus.

b) Ai de ti, Corazim! ai de ti, Betsaida! porque, se em Tiro e em Sidom fossem feitos os prodígios que em vós se fizeram, há muito que se teriam arrependido, com saco e com cinza. Por isso eu vos digo que haverá menos rigor para Tiro e Sidom, no dia do juízo, do que para vós.

Mateus 11:20-22

No início do texto. Os dois textos são iniciados com orações imperativas e em seguida traz a conjunção subordinativa porque, introduzindo os motivos das advertências e afirmando que as cidades sofrerão castigos divinos.

6. Há um parágrafo na crônica que traz uma ideia explicativa sobre as propriedade proféticas. Qual seria? Justifique.

O parágrafo dezenove explica o motivo da destruição "vaidade de Copacabana".

MOMENTO DE REFLEXÃO



DIÁLOGOS COM A CONTEMPORANEIDADE



últimas noticias

Professor, poderão ser utilizadas outras notícias mais atuais. Todas esses textos abaixo formam pesquisados via internet (Google).

Operação policial no morro Fallet-Fogueteiro em fevereiro deixou 13 mortos



<https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/policia-faz-reconstitucacao-de-13-mortes-no-morro-fallet-fogueteiro-29042019>

Com a violência acentuada no Rio de Janeiro, as crianças são as principais vítimas



<https://veja.abril.com.br/brasil/politica-contra-violencia-do-rio-causara-mais-tragedias-diz-pesquisadora/>



<http://www.tvhorizonte.com.br/horizontenoticia/>

Floresta Amazônica está a caminho de se tornar um imenso pasto



<https://www.redebrasilatual.com.br/destaques/2019/08/floresta-amazonica-esta-a-caminho-de-se-tornar-um-imenso-pasto/>



São Paulo, dia vira noite por conta do desmatamento da Amazônia.

<https://falauniversidades.com.br/bolsonaro-queimadas-e-desmatamento-da-amazonia-aumentam/>



Em estudo, Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam) mostra que, com aumento da derrubada da floresta, o número de focos de calor também se eleva.

<https://www.redebrasilatual.com.br/ambiente/2019/08/queimadas-na-amazonia-seguem-o-rastro-do-desmatamento-diz-instituto/>

1. Que reflexões poderemos fazer em relação a crônica “Ai de ti, Copacabana” com as últimas notícias do nosso país?

2. Que caminhos podem combater a destruição do meio ambiente? Que obstáculos impedem o funcionamento desses caminhos?

3. Qual o impacto desses fatos nas nossas vidas? Como devem ser nossas ações para diminuí-los?

VAMOS PESQUISAR: dados da violência e do desmatamento no Brasil.



Música:

Ai de Ti Copacabana

Alceu Valença

Eu te procuro
No Leblon, Copacabana
Vejo velas de umbanda
Um buquê jogado ao mar
Um marinheiro, estrangeiro, desumano
Deixou seu amor chorando querendo se afogar

No mar,
Oh, oh, no mar

Eu te procuro nos lençóis da minha cama
Ai de ti, Copacabana, será duro o teu penar
Pelo pecado de esconder es quem me ama
Ai de ti, Copacabana, será submersa ao mar

No mar
Oh, oh, no mar

O riacho navega pro rio
E o rio desagua no mar
Pororoca faz um desafio
No encontro do rio com o mar



<https://www.youtube.com/watch?v= vLJhhAXzSw>

2ª CRÔNICA: O padeiro, Rubem Braga



VAMOS ASSISTIR OUTRO VÍDEO?



<https://www.youtube.com/watch?v=PEpNPbjZSPi>

ATIVAR OS CONHECIMENTOS PRÉVIOS POR MEIO DO TÍTULO



1. Todos nós sabemos qual é a função do padeiro, é óbvio. Mas será que aspecto desse profissional será abordado? O que acham? Levantem hipóteses.
2. como é seu café da manhã? O pão é necessário no seu desjejum?
3. Em sua opinião, a profissão de padeiro é importante? Por quê?



LEITURA DA CRÔNICA:

1ª leitura silenciosa – feita pelos alunos;

2ª leitura oral – feita pela professora.



O padeiro

Levanto cedo, faço minhas ablucções, ponho a chaleira no fogo para fazer café e abro a porta do apartamento — mas não encontro o pão costumeiro. No mesmo instante me lembro de ter lido alguma coisa nos jornais da véspera sobre a “greve do pão dormido”. De resto não é bem uma greve, é um *lock-out*, greve dos patrões, que suspenderam o trabalho noturno; acham que obrigando o povo a tomar seu café da manhã com pão dormido conseguirão não sei bem o que do governo.

Está bem. Tomo o meu café com pão dormido, que não é tão ruim assim. E enquanto tomo café vou me lembrando de um homem modesto que conheci antigamente. Quando vinha deixar o pão à porta do apartamento ele apertava a campainha, mas, para não incomodar os moradores, avisava gritando:

— Não é ninguém, é o padeiro!

Interroguei-o uma vez: como tivera a ideia de gritar aquilo?

“Então você não é ninguém?”

Ele abriu um sorriso largo. Explicou que aprendera aquilo de ouvido. Muitas vezes lhe acontecera bater a campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou outra pessoa qualquer, e ouvir uma voz que vinha lá de dentro perguntando quem era; e ouvir a pessoa que o atendera dizer para dentro: “não é ninguém, não, senhora, é o padeiro”. Assim ficara sabendo que não era ninguém...

Ele me contou isso sem mágoa nenhuma, e se despediu ainda sorrindo. Eu não quis detê-lo para explicar que estava falando com um colega, ainda que menos importante. Naquele tempo eu também, como os padeiros, fazia o trabalho noturno. Era pela madrugada que deixava a redação de jornal, quase sempre depois de uma passagem pela oficina — e muitas vezes saía já levando na mão um dos primeiros exemplares rodados, o jornal ainda quentinho da máquina, como pão saído do forno.

Ah, eu era rapaz, eu era rapaz naquele tempo! E às vezes me julgava importante porque no jornal que levava para casa, além de reportagens ou notas que eu escrevera sem assinar, ia uma crônica ou artigo com o meu nome. O jornal e o pão estariam bem cedinho na porta de cada lar; e dentro do meu coração eu recebi a lição de humildade daquele homem entre todos útil e entre todos alegre; “não é ninguém, é o padeiro!”

E assobiava pelas escadas.

Rio, maio, 1956.



Após a leitura: QUESTIONAMENTO ORAL

1. Qual a sua opinião a respeito da crônica?
2. As hipóteses que vocês levantaram a respeito do padeiro se confirmaram após a leitura?
3. Encontrou alguma coisa que você nunca tinha ouvido falar?
4. Que sentimentos ou emoções a crônica despertou?
5. A linguagem é atual? Justifique.
6. Quais os objetivos da leitura lida (entreter, divertir, criticar, levar à reflexão)?

VAMOS ASSISTIR OUTRO VÍDEO?

- Passar um vídeo sobre crônica que mostra um trecho do texto *O padeiro*.



https://www.youtube.com/watch?v=AK_LLqGMXY0

QUESTIONAMENTOS ESCRITOS

A) CAPACIDADES DE ACÃO

1. Que fato inspirou o narrador a escrever esta crônica? Por que o narrador-personagem não encontrou o pão na porta do seu apartamento? O que estava acontecendo naquele dia?

O fato que inspirou o narrador a escrever a crônica *O padeiro* foi a falta do pão costumeiro, por conta da greve do pão dormido promovida pelos patrões que suspenderam o trabalho noturno.

2. O que você entende pela expressão “pão dormido”?

PESSOAL (Possibilidades de resposta: pão velho, mofado, que é de dia anterior, ou seja, o pão não é fresquinho.

3. De que fato o acontecimento desse dia fez o narrador-personagem se lembrar?

Esse fato fez o narrador lembrar de um homem modesto (padeiro) que conheceu antigamente, quando vinha deixar o pão, apertava a campainha e para não incomodar, gritava “Não é ninguém, é o padeiro”.

4. Segundo o texto, o que há em comum entre o trabalho de jornalista e o trabalho de padeiro?

Ambos trabalhavam a noite. O padeiro para trazer o pão cedinho e fresquinho; o jornalista para trazer notícias novas, também “quentinhas” como o pão.

5. Todo texto traz um processo de comunicação, ou melhor, um significado, para isso é abordado uma temática. Qual temática o texto aborda?

A humildade e a simplicidade são temáticas abordadas nesse texto que despertam no leitor uma consciência de humildade e propõe reflexão sobre o termo ninguém.

6. Usando seus conhecimentos acerca do gênero textual conhecido como crônica, diga por quais motivos o texto de Rubem Braga pode ser assim classificado.

PESSOAL (O texto de Rubem Braga é uma crônica porque trata de uma situação cotidiana, vivida pelo cronista, que foi transformada em um texto artístico, de caráter literário. Justifica, também, a classificação do texto como crônica o fato de ser um texto breve, de forte apelo emocional e reflexivo).

SLIDES: mostrar o jornal com a greve do pão (época em que a crônica foi escrita: Maio, 1956. Ano 1956\Edição 01816\Imprensa Popular (RJ) - 1951 a 1958 <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=108081&pagfis=11138&url=http://memoria.bn.br/docreader>)



Contexto de produção

É o momento em que o texto foi publicado e aí alguns elementos são importantes para sua construção e, consequentemente, seu entendimento. Assim, analisemos com calma essa crônica para preenchermos os espaços abaixo:



Contexto físico	Contexto sociosubjjetivo
Mostra as coordenadas espaço-temporais em que se dá a ação de linguagem implicadas na produção de um texto.	São as normas, valores, regras sociais, etc., assim como a imagem que o agente faz de si e do destinatário ao agir – implicados no quadro de uma forma de interação comunicativa.
O lugar físico de produção: ano de 1956, Rubem Braga viaja para os Estados Unidos para a cobrir a eleição do presidente Dwight D. Eisenhower (1891 - 1969).	O lugar social no qual o texto é produzido (escola, mídia, família, etc.): o autor assume o papel de cronista renomado que propõe reflexões sobre o uso cotidiano da linguagem a partir da greve do pão duro e das lembranças sobre um padeiro que no momento da entrega do pão dizia não ser ninguém, tornando-se invisível aos olhos da sociedade.
O momento de produção: lá recorda do momento em que encontrou um padeiro que ao entregar pão dizia que não era ninguém e do período que trabalhava na redação de um jornal de madrugada como o entregador.	Os objetivos da interação: <ul style="list-style-type: none"> - despertar, no leitor, uma consciência de humildade e propor reflexão sobre a expressão do termo ninguém usada na vida cotidiana como se fosse alguém invisível socialmente; - fazer uma leitura com reflexão sobre a importância de todos para a vida em sociedade e perceber a importância de certas pessoas que são invisíveis e tratadas por meio da expressão ninguém na vida cotidiana.
O emissor: pessoa que produz fisicamente o texto: o cronista Rubem Braga.	A posição social do emissor: ou enunciador: um jornalista que assim como o padeiro trabalha no turno noturno.
O receptor: a(s) pessoa(s) que recebe(m) concretamente o texto: leitores da revista Manchete e do jornal Diário de Notícias.	A posição social do receptor ou destinatário: o texto se dirige a leitores de um jornal voltado para a classe média. Esse grupo acompanha a narrativa de uma coluna jornalística com objetivo de entretenimento e reflexão sobre fatos da vida cotidiana.

DICA: à medida que trabalhar as capacidades de linguagem, vai esclarecendo por meio de slides.



APRESENTAÇÃO DE ESTUDO: CONTEXTO DE PRODUÇÃO DA CRÔNICA O PADEIRO

CONTEXTO FÍSICO	CONTEXTO SOCIOSSUBJETIVO
<p>Mostra as coordenadas espaço-temporais em que se dá a ação de linguagem implicadas na produção de um texto.</p> <p>O lugar físico de produção: ano de 1956, Rubem Braga viaja para os Estados Unidos para a cobrir a eleição do presidente Dwight D. Eisenhower (1891 - 1969).</p> <p>O momento de produção: lá recorda do momento em que encontrou um padeiro que ao entregar pão dizia que não era ninguém e do período que trabalhava na redação de um jornal de madrugada como o entregador.</p> <p>O emissor: pessoa que produz fisicamente o texto: cronista Rubem Braga.</p>	<p>São as normas, valores, regras sociais, etc., assim como a imagem que o agente faz de si e do destinatário ao agir – o quadro de uma forma de interação comunicativa.</p> <p>O lugar social no qual o texto é produzido (escola, mídia, família, etc.): o autor assume o papel de cronista renomado que propõe reflexões sobre o uso cotidiano da linguagem a partir da greve do pão duro e das lembranças sobre um padeiro que no momento da entrega do pão dizia não ser ninguém, tornando-se invisível aos olhos da sociedade.</p> <p>Os objetivos da interação: <ul style="list-style-type: none"> - despertar, no leitor, uma consciência de humildade e propor reflexão sobre a expressão do termo ninguém usada na vida cotidiana como se fosse alguém invisível socialmente; - fazer uma leitura com reflexão sobre a importância de todos para a vida em sociedade e perceber a importância de certas pessoas que são invisíveis e tratadas por meio da expressão ninguém na vida cotidiana. </p> <p>A posição social do emissor ou enunciador: um jornalista que assim como o padeiro trabalha no turno noturno.</p> <p>A posição social do receptor ou destinatário: o texto se dirige a leitores de um jornal voltado para a classe média. Esse grupo acompanha a narrativa de uma coluna jornalística com objetivo de entretenimento e reflexão sobre fatos da vida cotidiana.</p>

B) CAPACIDADES DISCURSIVAS

Vamos tentar localizar os discursos presentes no texto, ou seja, as falas do narrador e do padeiro? Qual discurso está predominando nesta crônica? (Há predominância do discurso direto)

Agora, vamos preencher o quadro abaixo com a sequência narrativa, ou seja, tentar identificar na crônica os elementos que compõem a macroestrutura do texto:



Superestrutura	Macroestrutura
Situação inicial (apresentação ou exposição - tema da história, cenário, personagens e o momento onde ocorrem as ações).	O narrador-expositor inicia a crônica dialogando com o leitor sobre a falta do pão costumeiro no dia da greve do “pão dormido” e lembra de uma história que viveu com um entregador de pão que todos os dias entregava o alimento e dizia que não era ninguém.
Complicação (momento de tensão)	O narrador fica curioso ao perceber que o entregador toda vez que chega à casa de alguém para entregar o pão diz que não é ninguém, deixando o pão silenciosamente.
(Re) Ações	O padeiro explica que aprendera aquilo de ouvido quando batia numa porta e era atendido por uma empregada ou uma pessoa qualquer.
Resolução	O jornalista percebe que o padeiro tem sua importância na vida cotidiana das pessoas e compara a profissão de padeiro ao de jornalista que executam trabalho na madrugada.
Situação final (desfecho)	O texto encerra com uma reflexão do narrador acerca da lição de humildade dada pelo padeiro no desempenho de seu trabalho que todos os dias com alegria, sem exigir reconhecimento realiza sua atividade.
Moral (coda)	Momento de reflexão sobre a importância de todos na vida social.

C) CAPACIDADES LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS



1. Nos textos narrativos há vozes que representam o narrador, o(s) personagem(ns), às vezes, o narrador é um personagem (narrador-personagem – escrito em 1^a pessoa) ou apenas um observador (narrador-observador – escrito em 3^a pessoa). No texto “O padeiro” quais são as vozes presentes? Quem elas representam?

Na crônica as vozes presentes são do narrador-personagem (narrador-expositor), que representa o jornalista; a voz do padeiro, personagem principal e a voz da empregada doméstica que avisava à patroa, quando o padeiro tocava a campainha “Não é ninguém, não, senhora, é o padeiro”.

2. Ao narrar o texto, percebe-se que as ações apresentam tempos verbais diferentes. Esses tempos verbais apresentam momentos diferentes. Quais seriam esses momentos ou circunstâncias?

A história é dividida em dois momentos. No primeiro momento, o narrador-expositor conversa com o leitor sobre sua rotina matinal, por isso que os verbos estão no presente do indicativo, uma vez que é um diálogo. Quando vai narrar a história do padeiro, muda de tempo verbal, é o segundo momento do texto, ao lembrar do padeiro, usa o verbo no pretérito perfeito e na terceira pessoa do singular do modo indicativo.

3. Na língua escrita ou falada, muitas vezes utilizamos palavras ou expressões para evitarmos repetições ou então fazermos a retomada do tema. Na crônica “O padeiro”, quais são esses elementos que fazem referência ao padeiro?

Além do vocábulo padeiro, há outros elementos para referendá-lo, como por exemplo: ninguém, ele, você, o (interroguei-o), lhe, lo (detê-lo), colega, daquele homem.

4. Qual tipo de relação é estabelecida pelo conectivo e que liga as duas orações destacadas: Em “...ponho a chaleira no fogo para fazer café e abro a porta do apartamento...”?

Relação de adição – Por a chaleira e abrir a porta.

5. Que outro conectivo poderia substituir o termo em destaque sem alterar o sentido da oração? “Quando vinha deixar o pão à porta do apartamento, ele apertava a campainha...”.

No momento: “No momento em que vinha...”.

Estabelece relação de temporalidade.

Mundos discursivos que constituem O padeiro

Mundo do expor

- No primeiro momento, o narrador-expositor conversa com o leitor, por isso que os verbos estão no **presente do indicativo** uma vez que é um diálogo e não uma narração, assim, ele conta a sua rotina matinal.
- "Levanto cedo, **faco** minhas ablucões, ponho a chaleira no fogão para fazer café e abro a porta" do apartamento – mas não **encontro** o pão costumeiro."



Mundo do narrar

- Quando vai narrar, a história muda de tempo verbal, é o segundo momento. Há a mudança do tempo verbal ao lembrar do padeiro, usa, assim o verbo no **pretérito perfeito** e na 3ª pessoa do singular:
- "E enquanto tomo café vou me lembrando de um homem modesto que **conheci** antigamente. Quando **vinha deixar** o pão à porta do apartamento, **ele apertava** a campanha..." (pretérito imperfeito).

Depois, retoma o diálogo com o leitor:

"Ele me contou isso sem mágoa nenhuma, e se despediu ainda sorrindo... Nesse momento, ele faz uma análise e compara a profissão de padeiro com a de jornalista. Ambas trabalham à noite e oferecem serviços no dia seguinte.

COMPARAÇÃO

- Ambos trabalham na madrugada** para trazer o **pão** e a **notícia** quentinha, respectivamente, pois assim como o "pão dormido" que não é bom para comer, a notícia dormida já não é útil, já é notícia velha, mofada.

Com predominância do relato interativo.

- No discurso indireto do padeiro, há o uso do **pretérito mais que perfeito** como é percebido na orações a seguir: "Explicitou que **aprendera** aquilo de ouvido" e "Assim **ficara** sabendo que não era ninguém..."

- Nesses mudanças de tempos verbais (presente e passado) traz: **momento de diálogo** com o leitor, narrativa (história), **momento de reflexão** (coda/moral). É um texto híbrido.



1. O que o narrador-personagem aprendeu com o padeiro?

Lição de humildade e simplicidade.

2. O padeiro sentia mágoa por ser desvalorizado? Justifique sua resposta.

Provavelmente não, já que entregava o pão todo dia alegre e sorridente.

3. O que leva uma pessoa a não ser valorizada? Justifique a sua resposta.

PESSOAL (Provavelmente, algumas profissões que não são valorizadas socialmente, ou seja, não tem status social).

4. No trecho "Explicitou que aprendera aquilo de ouvido.", a expressão em destaque sugere o que?

Significa que aprendeu ouvindo os outros falarem, de tanto se repetir acabou assimilando e utilizando determinada expressão.

5. Relacione a frase "Não é ninguém, é o padeiro!" com a lição de humildade aprendida pelo autor.

Embora os dois personagens realizassem trabalhos importantes para a sociedade (produção de alimento e cultura), o jornalista (antes) não demonstrava humildade como o padeiro, ao contrário se enviaidecia por seu nome aparecer no jornal matutino.

6. Vocês acreditam que há profissões mais e menos valorizadas em relação a sua função, ao financeiro ou ao status social? Quais seriam essas profissões? O que vocês acham disso?

PESSOAL



MOMENTO DE DESCONTRAÇÃO

DINÂMICAS:

□ JOGO DA MÍMICA (PROFISSÕES): dividir a sala em dois grupos; colocar nomes ou imagens de profissões em uma sacolinha; uma pessoa de cada grupo, na sua vez, deve retirar um papel com alguma profissão e fazer mímica para que o seu grupo adivinhe; caso acerte no tempo determinado, ponto para o grupo; ganhará que tiver o maior número de acertos. No final, refletir sobre algumas dessas profissões na sociedade e deixá-los à vontade para se expressarem sobre suas possibilidades de futuras escolhas profissionais.

(https://www.academia.edu/37192034/Din%C3%A2micas_de_grupo_jogos_e_brincadeiras)

□ DINÂMICA: Encontrei uma nova Profissão (Quebra-gelo): Distribuir papeis com algumas profissões "inovadoras". Cada um terá um tempo para pensar a respeito da Profissão inovadora que sorteou. Depois, cada um deve apresentar a sua profissão, descrevendo como é o trabalho, as dificuldades e fazer uma propaganda dos seus serviços.

(<https://www.kombo.com.br/materiaisrh/dinamica.php?id=Yjgz>)

3ª crônica: A casa, Rubem Braga

- Apresentar um vídeo sobre a crônica (https://www.youtube.com/watch?v=lbP_hPPiC8)
- Apresentar outro vídeo sobre Rubem Braga (<https://www.youtube.com/watch?v=5V0QuiQW9yI>)
- Promover mais discussão sobre o gênero crônica.

APRESENTAR A IMAGEM DE UM CASA BEM PROTEGIDA COM PAREDES ALTAS, PEDIR QUE A DESCREVA E PERGUNTAR POR QUE ALGUÉM MORARIA EM UMA CASA DESSE PORTE.



VAMOS ATIVAR NOSSOS CONHECIMENTOS

1. Esse título chama sua atenção? Por quê? O que ele sugere? Dá pra imaginar o assunto da crônica?
2. Que situação vocês acham que essa crônica vai retratar? Será que abordará algo misterioso, engraçado, trágico ou amoroso?
3. O que vocês acham da imagem dessa casa? Você gostaria de morar em uma casa com essa arquitetura? Por quê?
4. Você gostam da sua casa? Como vocês a descreveriam?
5. Como seria a casa dos seus sonhos? O que ela deveria ter de especial?

- Entregar texto vazado às duplas de alunos: o(a) professor(a) pede o preenchimento dos espaços em brancos com as palavras mais adequadas de acordo com o sentido do texto.
- Leitura silenciosa (alunos). Depois, conferir as possibilidades levantadas na pré-leitura e construir o sentido do texto.

A casa, Rubem Braga (2008, p.51-52)

Outro dia eu estava folheando uma revista de _____. Como são bonitas essas casas modernas; o risco é ousado às vezes lindo, as _____ são claras, parecem jardins com teto, o arquiteto faz _____ em cimento armado e a gente vive dentro da escultura e da paisagem.

Um amigo meu quis _____ seu apartamento e chamou um arquiteto novo.

O rapaz disse: "vamos tirar essa _____ e também aquela; você ficará com uma sala _____ e cheia de _____. Esta porta podemos arrancar; para que porta aqui? Esta outra parede vamos substituir por _____; a casa ficará mais clara e mais alegre." E meu amigo tinha um ar feliz.

Eu estava _____ a um canto, e fiquei em silêncio. Pensei nas casinhas que vira na _____ e na reforma que meu amigo ia fazer em seu _____ apartamento. E cheguei à conclusão de que estou velho mesmo.

Porque a _____ que eu não tenho, eu a quero _____ de muros altos, e quero as paredes bem _____ e quero muitas paredes, e dentro da casa muitas _____ com trincos e trancas; e um quarto bem _____ para esconder meus _____ e outro para esconder minha _____.

Pode haver uma _____ alta de onde eu veja o céu e o mar, mas deve haver um canto bem sossegado onde eu possa ficar sozinho, quieto, pensando minhas _____, um canto sossegado onde um dia eu possa _____.

A _____ pode viver nessas alegres barracadas de cimento, nós precisamos de _____ fortalezas; a casa deve ser antes de tudo o _____ inviolável do _____ triste; onde ele possa bradar, sem medo nem vergonha, o nome de sua amada: Joana, JOANA! - certo de que ninguém ouvirá; casa é o lugar de andar _____ de corpo e de alma, e sítio para falar sozinho.

Onde eu, que não sei desenhar, possa levar dias tentando traçar na parede o perfil da minha _____, sem que ninguém veja e sorria; onde eu, que não sei fazer versos, possa improvisar _____ em alta voz para o meu amor; onde eu, que não tenho crença, possa _____ a divindades ocultas, que são apenas minhas.

_____ deve ser a preparação para o segredo maior do túmulo.

Rio, maio, 1957.

A casa

Rubem Braga (2008, p.51-52)

Outro dia eu estava folheando uma revista de arquitetura. Como são bonitas essas casas modernas; o risco é ousado às vezes lindo, as salas são claras, parecem jardins com teto, o arquiteto faz escultura em cimento armado e a gente vive dentro da escultura e da paisagem.

Um amigo meu quis reformar seu apartamento e chamou um arquiteto novo.

O rapaz disse: "vamos tirar essa parede e também aquela; você ficará com uma sala ampla e cheia de luz. Esta porta podemos arrancar; para que porta aqui? Esta outra parede vamos substituir por vidro; a casa ficará mais clara e mais alegre." E meu amigo tinha um ar feliz.

Eu estava bebendo a um canto, e fiquei em silêncio. Pensei nas casinhas que vira na revista e na reforma que meu amigo ia fazer em seu velho apartamento. E cheguei à conclusão de que estou velho mesmo.

Porque a casa que eu não tenho, eu a quero cercada de muros altos, e quero as paredes bem grossas e quero muitas paredes, e dentro da casa muitas portas com trincos e trancas; e um quarto bem escuro para esconder meus segredos e outro para esconder minha solidão.

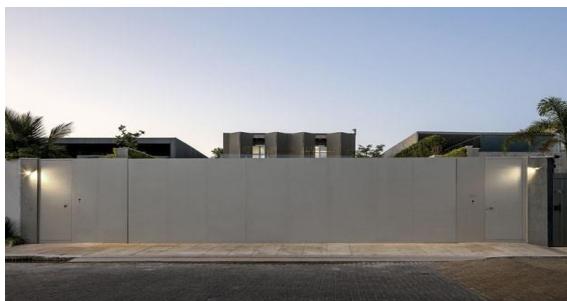
Pode haver uma janela alta de onde eu veja o céu e o mar, mas deve haver um canto bem sossegado onde eu possa ficar sozinho, quieto, pensando minhas coisas, um canto sossegado onde um dia eu possa morrer.

A mocidade pode viver nessas alegres barracadas de cimento, nós precisamos de sólidas fortalezas; a casa deve ser antes de tudo o asilo inviolável do cidadão triste; onde ele possa bradar, sem medo nem vergonha, o nome de sua amada: Joana, JOANA! - certo de que ninguém ouvirá; casa é o lugar de andar nu de corpo e de alma, e sítio para falar sozinho.

Onde eu, que não sei desenhar, possa levar dias tentando traçar na parede o perfil da minha amada, sem que ninguém veja e sorria; onde eu, que não sei fazer versos, possa improvisar canções em alta voz para o meu amor; onde eu, que não tenho crença, possa rezar a divindades ocultas, que são apenas minhas.

Casa deve ser a preparação para o segredo maior do túmulo.

Rio, maio, 1957.



QUESTIONAMENTOS ORAIS



1. Qual a sua opinião sobre a crônica?
2. Qual o trecho que mais chamou a atenção? Por quê?
3. Encontrou alguma coisa que você nunca tinha ouvido falar?
4. Que sentimentos ou emoções a crônica despertou?
5. O texto correspondeu às expectativas levantadas pelo título?
6. A linguagem é atual?
7. Qual era o assunto?
8. O autor fazia parte da situação narrada ou estava como observador?
9. Há apenas a descrição do fato, o relato da situação? Ou o relato é a base para interpretação, que faz pensar?
10. O tom da narrativa foi bem escolhido?

ATENÇÃO!!! ATIVIDADES ESCRITAS



1. Quando e o onde o texto foi produzido?
2. Quem produziu fisicamente o texto? Qual é o lugar e a posição social do enunciador desse texto?
3. Quem são as pessoas que recebem concretamente o texto (receptor)? E qual a posição social do mesmo?

O texto é destinado a leitores de revistas e jornais onde a crônica é publicada. Pessoas com uma condição social alta que tem hábito de ler esses suportes da crônica.

4. Que fato desencadeou essa crônica?
5. Esse fato pertence ao noticiário do jornal ou do cotidiano?

Esse fato pertence ao cotidiano, pois foi a partir da observação de uma situação comum que o cronista produziu seu texto.

6. Qual o tempo verbal revelado na crônica? Por quê?

Percebe-se a predominância do tempo verbal pretérito perfeito, porque o narrador lembra de uma situação vivenciada por ele, quando um amigo quis reformar o apartamento dele e chamou um arquiteto.

7. Qual é o foco narrativo? O autor usa a primeira ou não se envolve, apenas conta o que aconteceu com outros?

O narrador usa a primeira pessoa do singular, conta algo que aconteceu com ele e a partir desse momento começa a descrever a sua idealização de casa.

8. Qual o tipo de discurso predominante na crônica: direto ou indireto? Retire-o:

Aparece apenas o discurso direto, ou seja, a fala do arquiteto:

“Vamos tirar essa parede e também aquela...”.

9. Que ideias e emoções foram despertadas pela leitura?

Metáfora é uma figura de linguagem que consiste no uso de uma palavra ou expressão com o sentido de outra com a qual é possível estabelecer uma relação de semelhança.

PESSOAL

10. Rubem Braga, “enriquece” sua crônica com o uso de metáforas. Identifique-as.

A gente vive dentro da escultura e da paisagem; A mocidade pode viver nessas alegres barracas de cimento; Casa é o lugar de andar nu de corpo e de alma.

11. Qual o fato do cotidiano que o cronista observou para escrevê-la?

Uma visita à casa do amigo que pretendia reformar o apartamento. O narrador começa a fazer comparações entre as casas modernas com o seu sonho de casa.

12. Como se caracteriza a linguagem da crônica lida?

A linguagem é simples, de fácil compreensão, porém com elegância, sem desleixo.

13. Essa crônica é diferente da que analisamos em outras aulas? No que ela se difere de “Ai de ti, Copacabana” e “O padeiro”?

PESSOAL (Embora todas tenham caráter reflexivo, há diferenças. A primeira é semelhante a uma predição, tipo de texto profético; a segunda é uma narrativa sobre um sujeito humilde; já esta é mais intimista, porque traz reflexões sobre as construções modernos e o desejo de casa do narrador.)

14. O que torna o assunto desta crônica atual?

PESSOAL (Possivelmente a contradição entre o desejo do narrador que gosta de privacidade, de ficar recluso e o desejo da maioria da população que gosta de exposição.)



A crônica é um gênero que, partindo de elementos do cotidiano, pode apresentar momento de intenso lirismo e reflexão filosófica ou social.

- A situação vivida pelo narrador tem uma dimensão particular ou universal?
- Que tipo de reflexão o texto estimula os leitores a fazer?
- O desejo do narrador-expositor é divergente de uma grande da população que gosta de se expor e de compartilhar nas redes sociais. Qual seria esse desejo?

Poderíamos identificar alguns temas na crônica A casa que geram oposições. Que temas seriam esses? **POSSIBILIDADES: LIBERDADE X RECLUSÃO;**

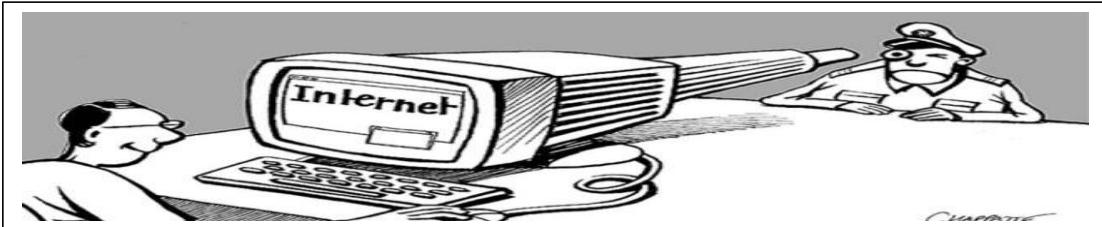
PÚBLICO X PRIVADO;

CONVIVÊNCIA X SOLIDÃO;

MODERNO X ANTIGO;

PRIVACIDADE X EXPOSIÇÃO;

NOVO X VFI HO.



VAMOS DEBATER!!!

- Vivenciamos na era da tecnologia digital, das auto fotografias (*selfies*), da redes sociais, dos compartilhamos de imagens, ideias, enfim, de tudo. Assim, quem é adepto desse novo formato de auto exposição (uma grande parte da população mundial) está o tempo todo publicando imagens de si mesmo. Entretanto, até que ponto essa exposição é saudável? Analise as manchetes abaixo e dê sua opinião.



Google admite escutar 0,2% das conversas de usuários com seu assistente virtual.

TV belga divulga mil gravações vazadas, levando a empresa de buscas a revelar que “especialistas em linguagem” analisam os diálogos. SÃO FRANCISCO - 12 JUL 2019 - 11:42.

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/12/tecnologia/1562914719_220640.html



Criminosos põem à venda dados pessoais de 120 milhões de contas do Facebook.

‘Hackers’ têm em seu poder mensagens privadas de mais de 81.000 usuários da rede. MADRI - 05 NOV 2018 - 09:32.

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/02/tecnologia/1541176553_498714.html

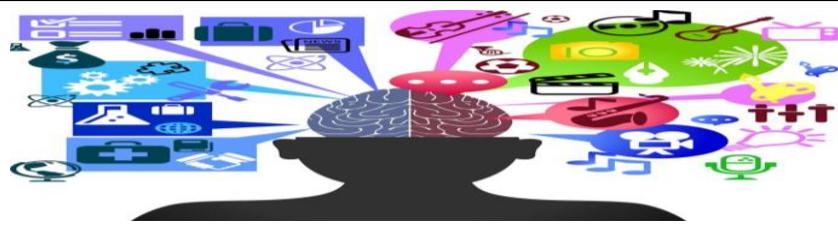
4ª CRÔNICA: Natal de Severino de Jesus, Rubem Braga

1ª ETAPA: ATIVIDADES DE PRÉ-LEITURA

1º - Mostrar mais um vídeo sobre Rubem Braga (<https://www.youtube.com/watch?v=fQDabJnVE60>).

2º - Colocar o título da crônica no quadro e fazer alguns questionamentos orais, antes da leitura, para ativar os conhecimentos prévios.

3º - Conhecimento do assunto com base num texto vazado com cartelas, objetivando antecipar o sentido do texto e estabelecendo relações entre as palavras. Distribuição de cópias da crônica Natal de Severino de Jesus aos alunos. Confeccionamos cartelas com palavras suprimidas do texto; distribuímos uma cartela para cada aluno; à medida que lê o texto, pergunta quem tem a palavra que acha que preenche o espaço em branco. Ao se manifestar, o (s) aluno (s) deve (m) explicitar a relação feita para que aquela palavra preencha aquele espaço.



1. Esse título chama a sua atenção? Por quê?
2. O que ele sugere?
3. Pelo título dá para imaginar o assunto da crônica?
4. Ele insinua de que personagens a crônica irá tratar? Qual o cenário?
5. Que situação vocês acham que essa crônica vai retratar?
6. O que é comemorado no natal?
7. Você gosta do natal? Por quê?
8. Como você e sua família comemoram o natal?
9. Será que todas as pessoas cristãs comemoram essa data? Por quê?
10. O que essa data simboliza para os católicos?



Natal de Severino de Jesus

Severino de Jesus não seria anunciado por nenhuma _____, mas por um mero _____ voador.

Que seria seguido pela _____ especializada.

O qual disco desceria junto à _____ Getúlio Vargas, em Fortaleza, Ceará, abrigo de _____.

Porém, Jesus não estaria na hospedaria, por falta de lugar.

Nem tampouco estaria no conforto de uma _____.

Jesus estaria no colo de Maria, em uma rede _____, debaixo de um _____.

Porque é debaixo de cajueiros que vivem e morrem os meninos cujos _____ não encontram lugar na hospedaria.

E Jesus estaria desidratado pela _____. Mas sobreviveria, embora _____.

E cresceria _____.

E não iria ao _____ discutir com os doutores, mas à Televisão responder a perguntas.

E haveria muitas _____ cretinhas. Tais como: Por que, sendo filho do Espírito Santo, você foi nascer no _____ e não em Cachoeiro do Itapemirim?

Jesus sorriria. E desceria para o _____.

E para viver, Jesus iria para o _____ catar sururu.

E desceria depois em um pau-de-arara até o _____.

Onde faria vários _____ úteis, tais como: Levar a _____ de roupa suja de Maria.

Tocar tamborim.

Entregar cigarros e maconha.

Então _____ ordenaria uma batida no morro. Porém Jesus escaparia.

E seria roubado por um _____ que o poria a tirar esmola na porta da igreja.

E sendo lourinho e de olhos azuis, parecido com Cristo, Jesus faria grandes férias.

Porém, tendo desviado uma _____ para comprar um picolé, levaria um sopapo na cara. E escaparia do mendigo e seria protegido por _____ do Querosene.

Inocentemente, participaria do seu bando.

Inocentemente seria internado no SAM.

Depois seria _____ do SAM.

E aqui é que a porca torce o rabo, porque não sei mais o que vou fazer com o meu _____.

Mesmo porque até hoje ninguém sabe o que fazer com um egresso do SAM.

Ele não tem posses bastantes para ingressar na _____ transviada.

Quem não ingressa continua egresso.

Os _____ se dividem em externos, internos, semi-internos e egressos.

O lema da bandeira se divide em ordem e progresso.

Enquanto o verdadeiro Cristo nasce em todo Natal e morre em toda Quaresma.

Euuento essa história de Jesus menino, Severino de Jesus, para lembrar que: Aquele Jesus que era o Cristo, que Ele nos abençoe.

Mas eu duvido um pouco que Ele nos abençoe.

Ele está preocupado com seu irmão Severino de Jesus, que eu, autor, abandonei. Em vista do que ele se tornou o conhecido menor abandonado.

É impossível socorrer o menor abandonado, pois se assim se fizer ele deixará de ser abandonado.

E se não houver menores abandonados várias _____ beneficentes não terão o que fazer.

E vários senhores que falam na televisão sobre o problema dos menores abandonados não terão o que dizer.

E esta minha _____ de Natal não terá nenhuma razão de ser.

Rio, dezembro, 1958.

1º - Leitura do texto original, sem as palavras vazadas, para conferir a adequação da sua escolha de palavras para o texto.

2º - Questionamentos orais após a leitura;

3º - A professora faz uma explanação para conhecer em que situação de comunicação o texto foi produzido. Apresentação em slides com imagens da época para entender o contexto histórico-social.

4º - interpretação escrita: questões interpretativas que abordem as capacidades de linguagem.

Natal de Severino de Jesus

Rubem Braga (2008, p.149-151)

Severino de Jesus não seria anunciado por nenhuma estrela, mas por um mero disco voador.

Que seria seguido pela reportagem especializada.

O qual disco desceria junto à Hospedaria Getúlio Vargas, em Fortaleza, Ceará, abrigo de retirantes.

Porém, Jesus não estaria na hospedaria, por falta de lugar.

Nem tampouco estaria no conforto de uma manjedoura.

Jesus estaria no colo de Maria, em uma rede encardida, debaixo de um cajueiro.

Porque é debaixo de cajueiros que vivem e morrem os meninos cujos pais não encontram lugar na hospedaria.

E Jesus estaria desidratado pela disenteria. Mas sobreviveria, embora esquelético.

E cresceria barrigudinho.

E não iria ao templo discutir com os doutores, mas à Televisão responder a perguntas.

E haveria muitas perguntas cretinhas.

Tais como:

Por que, sendo filho do Espírito Santo, você foi nascer no Ceará e não em Cachoeiro do Itapemirim?

Jesus sorriria. E desceria para o Nordeste.

E para viver, Jesus iria para o mangue catar sururu.
E desceria depois em um pau-de-arara até o Rio.
Onde faria vários serviços úteis, tais como:
Levar a trouxa de roupa suja de Maria.
Tocar tamborim.
Entregar cigarros e maconha.
Então Herodes ordenaria uma batida no morro.
Porém Jesus escaparia.
E seria roubado por um mendigo que o poria a tirar esmola na porta da igreja.
E sendo lourinho e de olhos azuis, parecido com Cristo, Jesus faria grandes férias.
Porém, tendo desviado uma notinha para comprar um picolé, levaria um sopapo na cara.
E escaparia do mendigo e seria protegido por Vitinho do Querosene.
Inocentemente, participaria do seu bando.
Inocentemente seria internado no SAM.
Depois seria egresso do SAM.
E aqui é que a porca torce o rabo, porque não sei mais o que vou fazer com o meu herói.
Mesmo porque até hoje ninguém sabe o que fazer com um egresso do SAM.
Ele não tem posses bastantes para ingressar na juventude transviada.

Quem não ingressa continua egresso.
Os meninos se dividem em externos, internos, semi-internos e egressos.
O lema da bandeira se divide em ordem e progresso.
Enquanto o verdadeiro Cristo nasce em todo Natal e morre em toda Quaresma.
Eu conto essa história de Jesus menino, Severino de Jesus, para lembrar que:
Aquele Jesus que era o Cristo, que Ele nos abençoe.
Mas eu duvido um pouco que Ele nos abençoe.
Ele está preocupado com seu irmão Severino de Jesus, que eu, autor, abandonei.
Em vista do que ele se tornou o conhecido menor abandonado.
É impossível socorrer o menor abandonado, pois se assim se fizer ele deixará de ser abandonado.
E se não houver menores abandonados várias senhoras benfeicentes não terão o que fazer.
E vários senhores que falam na televisão sobre o problema dos menores abandonados não terão o que dizer.
E esta minha crônica de Natal não terá nenhuma razão de ser.

Rio, dezembro, 1958.

QUESTIONAMENTOS ORAIS

APÓS A LEITURA



- O que acharam da crônica?
- Que sentimentos ou emoções a crônica despertou em você?
- Qual o assunto? A linguagem é atual?
- Qual a personagem ou personagens?
- Quem essa personagem representa socialmente?
- O narrador fazia parte da situação narrada ou estava como observador, de fora?
- Aquilo que vocês imaginaram a partir do título foi comprovado? Explique?
- Há algo que ficou difícil de entender? O que seria?
- O que seria a sigla SAM que aparece no texto? Hoje, qual seria a instituição que equivaleria ao SAM?
- Você conhece ou já ouviu falar de alguém que já vivenciou algo parecido com a situação descrita na crônica?
- Se você tivesse que contar o enredo desse texto, como seria?

ATENÇÃO: PARA MELHOR COMPREENDER UM TEXTO, É PRECISO SABER EM QUE SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO ELE FOI PRODUZIDO

Vamos conhecer um pouco sobre isso?



CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL

Hospedaria Getúlio Vargas (1945-1971).

Diversos acidentes em Brasil e Estados Unidos foram evitados em março de 1942 para a exploração de matérias-primas e muitos trabalhadores foram recrutados, sobretudo de Ceará, para a exploração de bauxita e a serragem da Amazônia.

Foi criado o INC (Instituto Nacional de Integração e Colonização), órgão criado pela Lei nº 12.383, de 5 de janeiro de 1954 (edição 1955).

Cabo do Norte: integrar e educar o povo nascido da colonização, tendo em vista a função das missões e o maior número possível de pessoas provindas agrícolas, assimilando e trabalhando novas regiões de terra para extração, e exercer a função de ação e integração social.

70% dos imigrantes eram negros e puderam ser encaminhados para a cultura, onde se tornaram indispensáveis para a melhoria das técnicas de trabalho e dos costumes culturais e de vida da população negra.

A Hospedaria Getúlio Vargas, atualmente uma Unidade de Referência de Saúde, funcionava na Avenida Dom Bosco, 1300, bairro São Geraldo, Fortaleza/CE.



<http://www.firebaseio.com/cronaca/leitura/pessoas/G1/audiovis.html>

INTERPRETAÇÃO ESCRITA



1. O texto foi escrito na década de 1950. De acordo com a crônica qual era o problema encontrado naquela época?

O problema do menor abandonado, devido, principalmente, a migração das regiões mais secas do país (Ceará, por exemplo) para os grandes centros urbanos.

2. De acordo com o que foi apresentado, preencha alguns itens, diferenciando:

A) lugar físico X lugar social: lugar físico: a cidade do Rio de Janeiro, onde Rubem Braga mora; lugar social: o jornal onde o cronista trabalha.

B) pessoa que produziu o texto X posição social do enunciador: o emissor é Rubem Braga que assume o papel de jornalista (cronista), busca assunto no noticiários dos jornais para escrever.

C) receptor X posição social do destinatário: o texto é destinado a leitores de jornais e revistas de classe social alta, que tem hábito de acompanhar coluna jornalística voltada para crônica.

3. Qual o objetivo do texto?

O objetivo do texto é promover a reflexão sobre o problema do menor abandonado. Fazer perceber que algumas instituições, muitas vezes, não desejam, de fato, resolver a situação do menor abandonado, pois não teriam assunto para se “preocupar”.

4. Explique o tom da narrativa.

Apesar de apresentar um tom sério e reflexivo, é ao mesmo tempo irônico, principalmente nos últimos parágrafos: “É impossível socorrer o menor abandonado, pois se assim se fizer ele deixará de ser abandonado. E se não houver menores abandonados várias senhoras benfeitoras não terão o que fazer. [...] E esta minha crônica de Natal não terá nenhuma razão de ser.”.

5. Nessa crônica aparece fala – discurso - de algum personagem? Em caso afirmativo, qual é o tipo de discurso presente?

Além da voz do narrador-expositor que dialoga com o leitor, há a presença da voz da mídia (televisão): “Por que, sendo filho do Espírito Santo, você foi nascer no Ceará e não em Cachoeiro do Itapemirim?”.

6. Qual seria a sequência textual predominante no texto? Esclareça.

A crônica é uma sequência narrativa, porque o narrador-expositor expõe a trajetória do personagem Severino de Jesus, menor abandonado, que passa por inúmeras dificuldades.

7. A sequência narrativa é um **processo** com início (estabelecimento de uma situação), meio (transformação) e fim (situação inicial modificada); reflexão sobre o fato narrado – **moral**, pode vir implícita. Diante dessa explicação, identifique os elementos abaixo:

Situação inicial

Há um narrador-expositor que inicia a crônica dialogando com o leitor sobre uma possibilidade do personagem, menor abandonado, Severino de Jesus, ser anunciado por um “mero disco voador” e a partir desse momento já seria notícia de reportagem.

Complicação

Percebe-se o conflito de Severino de Jesus, a partir do momento em que o narrador mostra que Jesus é um menino pobre, nordestino (Ceará) que não encontra vaga na hospedaria. Viveria, portanto, debaixo de árvores (cajueiros) e teriam uma vida desgraçada, seria catador de sururu, migraria para o Sul em um pau de arara, lavaria roupa, entraria para o tráfico, seria internado no SAM...

Re (Ações)

OBSERVAÇÃO: Traz um tom reflexivo. Não há preocupação em apresentar solução, uma vez que, segundo o narrador, ninguém quer resolver a questão do menor abandonado. Por isso é organizado na forma de *script* ou grau zero de planificação (Bronckart, 2007).

Soluções

Situação final

O narrador-expositor encerra o texto com um tom pessimista, mostra que tanto a mídia quanto as pessoas benfeitoras, como também o governo não querem resolver a problemática da criança e do adolescente abandonado.

Moral (Coda)

Refletir sobre a situação da criança e do adolescente abandonados que vivem em condições de extrema pobreza e passam por situações desfavoráveis.



8. Como se manifestam as marcas de temporalidade dessa crônica? Que efeito elas causam para provocar sentido?

A maioria dos verbos estão no futuro do pretérito, provocando uma suposição, relativamente, a um momento futuro.

9. Nas orações: "Mas eu duvido um pouco que **Ele** nos abençoe" e "Em vista do que **ele** se tornou o conhecido menor abandonado." Os pronomes pessoais ele, respectivamente, estariam representando quem? Qual a importância dessa substituição para promover a sequência do texto?

Na primeira ocorrência representa Jesus Cristo, por isso, o uso da inicial maiúscula; na segunda, substitui Severino de Jesus. Essas ocorrências permitem que façamos substituições para assegurar a temática do texto.

10. Encaminhando-se para o final do texto, percebe-se a mudança do foco narrativo, uma vez que, o autor introduz valores sobre algumas questões. Identifique essa mudança e explique como isso contribui para provocar ironia sobre a situação apresentada.

Provavelmente, é quando o narrador-expositor utiliza a primeira pessoa para afirmar que o único preocupado com a situação de Severino de Jesus é Cristo, porque os demais só se beneficiam dessa situação, pois somente assim teriam algo para se tornar "útil". As senhoras que classe média alta que promovem eventos benficiares, o cronista que colhe o fato do cotidiano ou do noticiário para escrever.

11. Quem seria Vitinho do Querosene e o que ele representaria para sociedade?

Vitinho seria o traficante que alicia os jovens que estão, principalmente, em situação vulnerável, representaria, então, um ser que faz coisas contrárias à lei, ou seja, um bandido.

12. Explique a seguinte afirmação: "E esta minha crônica de Natal não terá nenhuma razão de ser".

PESSOAL (Como o cronista colhe fatos do dia a dia ou do jornal, possivelmente, o autor quer dizer que se não existisse o menor abandonado, ele não teria assunto para produzir essa crônica).

HORA DE REFLETIR



- Há relação entre a situação vivida pela crônica e a de nossos dias? Qual seria?
- Fazendo uma comparação entre a época em que a crônica foi escrita, houve mudança em relação ao tratamento dado à criança e ao adolescente?
- Você acredita que muitas crianças passam por casos semelhantes a de Severino de Jesus?
- A quais situações de risco Severino foi exposto?
- Qual seria a melhor solução para resolver ou amenizar a condição da criança e/ou adolescente que vive em situações vulneráveis?
- O que vocês acham do projeto de lei que almeja reduzir a maioridade penal? Será que isso de fato resloveria a situação da criminalidade no Brasil?
- Mesmo com tantos avanços e com tantas leis, a criança e o adolescentes estão de fato protegidos?
- Em sua transmissão semanal no Facebook 06/07/2019), o presidente Jair Bolsonaro (PSL) reembrou o seu tempo de trabalho infantil em fazendas do interior de São Paulo, afirmando que o "trabalho dignifica o homem e a mulher, não interessa a idade". O que você pensa sobre tal afirmação?
- Que órgão municipal protege a criança e o adolescente?

VAMOS PESQUISAR
sobre o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente):



Assistir um VÍDEO de 10 min com algumas modificações apresentadas pela Ministra dos Direitos Humanos, em 2019. (<https://www.youtube.com/watch?v=5pZpQgHyWv0>)



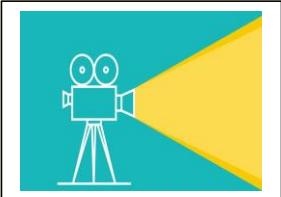
ANALISAR AS IMAGENS ABAIXO A PARTIR DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (8.069/13/07/1990)



VAMOS FAZER UM CURTA-METRAGEM?



Fazer um curta metragem baseado na crônica *Natal de Severino de Jesus*, porém com algumas diferenças, uma vez que, não abordou apenas a questão do menor abandonado, mas de outras categorias como negro, homossexual, mulher, a partir de diálogos. Foram feitos dois roteiros, um com diálogos e outro monologado, foi optado pelo de diálogos. Alguns alunos atuaram e outros editaram o vídeo que posteriormente foi passado para toda a classe. Abaixo estão os dois roteiros, feitos por Raissa Passos Coelho (filha da mestranda. Advogada inscrita na ordem dos Advogados do Brasil, membro da Comissão de Direitos Humanos da seccional Bahia).



ROTEIRO 1: As ações se passam em dois cenários diferentes. Palco dividido para os cenários: cozinha de uma casa; amigos em uma mesa de bar.

ROTEIRO 1: As ações se passam em dois cenários diferentes. Palco dividido para os cenários: cozinha de uma casa; amigos em uma mesa de bar.

Ana: Vocês estão acompanhando as notícias da política?

Carlos: Sim e está melhor do que qualquer série.

Renata: Eu fico indignada como as coisas que esse banco de sanguessuga anda fazendo... Cada absurdo!!

Ademar: Absurdo, por quê? O país precisa mudar, esse presidente aí é mudança.

Ana: Mudança para quem? Para quem já é pobre ficar ainda mais pobre e ignorante?

Carlos: E – Eu concordo com ela, hein...

Ademar: Calma aí, também não é assim, só falar mal, temos que ver o lado positivo da coisa...

Renata: Que coisa, Ademar, tá bom para você? Você deve estar rico, é você é rico, sua mãe odeia gente pobre. (Neste momento, Ademar se altera, levanta um pouco da mesa – plano médio – faz que vai falar).

Cena é cortada para o outro cenário.

Yasmin: Odeia gente pobre? Essa elite só quer nos tirar de vista, pobre é ignorado desde que o mundo é mundo.

Augusto: Falando assim, até parece que é você faz parte da resistência...

Yasmin: Quem não se manifesta contra o opressor é também opressor!

Mãe: Minha filha, o que está se passando com você? Qual é a causa dessa rebeldia? No meu tempo, isso era outra coisa...

Yasmin: Nem vem com esse papo de casamento! Eu sou ou estou rebelde não, tá? É que do jeito que as coisas estão não tá dando, né. Agora falam até que nós, jornalistas, temos de ter aval da Polícia. Isso é qualquer coisa, exceto democracia.

Augusto: Você viu que o filho da Sirleide foi preso? Porte de droga.

Nina: Como assim porte de droga?

Mãe: Ele era o traficante daqui do bairro.

Nina: Impossível, eu conheço o Zé. Ele jamais se envolveria com droga.

Augusto: Mas, se a polícia prendeu, boa coisa ele não fez.

Yasmin: Prendeu porque ele é negro.

Mãe: Bate na boca!

Yasmin: Não. Polícia não é inquestionável não, tá Guto? Pois é.

Mãe: No meu tempo era.

Nina: Agora é outro tempo.

Yasmin: Mas, tá muito parecido...

Corta para cena dos amigos. Ademar sentado sendo acalmado por um dos amigos.

Renata: Eu não menti. Esse é pensamento de toda Elite. Pobre incomoda. E eu digo isso com propriedade. Eu recebi olhares durante toda minha graduação. Eu sei o que é não ter uma refeição decente. Defender alguém que é completamente contra o que se considera minorias, é fácil. Difícil... (Ana concorda. Carlos fica neutro).

Cena corta para o outro cenário e Nina completa a frase:

Nina: Difícil é se colocar no lugar do outro. É ver e enxergar o outro, saber com cada um aqui tem demandas diferentes.

Narrador: Usar o nome de Jesus e fazer sinal da arma. Jesus é o mendigo que nós ignoramos. Jesus é negro que sofre racismo todos os dias. Jesus é a mulher que apanha do marido e você não disca 180. Jesus é o e a transexual que você despreza. Jesus é a minoria.

Já disse a crônica: "Jesus estaria no colo de Maria, em uma rede encardida, debaixo de um cajueiro.

Porque é debaixo de cajueiros que vivem e morrem os meninos cujos pais não encontram lugar na hospedaria.

E Jesus estaria desidratado pela disenteria.

Mas sobreviveria, embora esquelético.

E cresceria barrigudinho.

E não iria ao templo discutir com os doutores, mas à Televisão responder a perguntas.

E haveria muitas perguntas cretinas."

Jesus é menor, gay, bissexual, transexual, mulher, negro, mãe, filho e filha, irmão e irmã, pai, amigo. Jesus é você e sou eu também. O quanto você tem sido coerente com o Jesus e respeitando o Jesus do outro?

Quem não se opõe quando é preciso, oprime tanto quanto o próprio opressor.

ROTEIRO 2:

Narrador: Bom dia. Boa tarde. Boa noite. Muito se tem falado, discutido, pouco se tem feito. Não importa o ano, 1880, 2064, 1988, 1956, 1964, 2013... Qual o ano? Onde está Deus? Dizem que tirando férias, mas você pode me perguntar se Deus tiraria férias e quem não tira? Eu gosto de férias, você não?

Muito se tem dito, pouquissíoooo se tem feito.

Cobra-se. Fala-se. Grita-se... É muito se para pouca cor de pele, é muito se para pouco barriga com fome. Você sabe o que é ironia, né?

Monólogo 1

Eu sempre vou a Igreja, eu gosto sabe? Bato ponto lá toda santa quarta-feira e domingo, além dos feriados que preciso de ir. Encontrei na Igreja o Deus que tanto procurei quando painho descia a mão em minha mainha e eu ainda menina-moça sem nem entendê, rezava para mainha pará de chorar. Aaah, naquele tempo era tudo bom... A gente brincávamos na rua, pra lá e pra cá, não tinha de tê medo de nada. Foi nesta época que conheci o meu falicido marido. Ele mostrou a sina de mainha com painho e óia que sofri demais mais meus minino, tem coisa que de pai para fió de mãe para fiá. Um dia desses, faz muito tempo, sabe?

Toda veiz rezava praquilo acaba, até que um dia meu santo meu oviu e acabou. Ele chegou bebu, pôdi a cachaça, veio para cima de mim e eu já num suportava mais aquele INFELIZ, escondi uma faca debaixo do travesseiro, mais deu outro, cortei ele e disse amém a todo meu sofrido e dos meus fios. Eu fui junto, mas eu arrebentei ele.

Monólogo 2

Desde pequena eu sempre pensei no que seria esse conceito de bom cristão, não consigo entender... Faço doações, ajudo instituições que precisam, todos sabem disso. É de conhecimento geral. Faço alguns trabalhos voluntários também. Mas, sendo muito fraca, eu detesto. Detesto ter que sair do meu conforto para mostrar que sou boa cristã. Detesto ter que perder o meu tempo com um bando de gente que não faz nada para sair dessa condição miserável que ela mesma se colocou. As oportunidades estão aí para todo mundo, quem quer consegue. Um dia desses mesmo, um manicure que eu me contou que sua filha entrou numa faculdade particular, inclusive a mesma que meus filhos estudaram, e sem cota, tá? Tá vendo aí, só correr atrás. Detesto gente acomodada. Incrível como o país está parecendo um celeiro de tanto preguiçosos e se valem da desculpa da crise. Que crise, gente?

Monólogo 3

A gente nunca foi rico, tá ligado? Eu sempre quis estudá, aprendê, mais nunca dava. Minha mãe sempre dizia para não olhar para bolsa de ninguém; não olha na cara das pessoa rica; não se ofender se alguém apertar a bolsa mais forte ou mudar de calçada; se a pessoa me olha torto; os olhares nunca me incomodaram, tá ligado? Já fui mandado para casa um bocado de veiz e nem sei por que, "contenção de gastos" eles diziam. Minha mãe sempre que não queria ladrão em casa e não vou mentir que isso já me passou pela cabeça. Se era assim, eu só aceitava. Até que uma vez, eu tava voltando do trabalho, já tava até de casa. Eu vi tiros, não se isso me assustasse, mas fui me esconder. Cê acredita no mito da bala perdida? O mito saiu no jornal com meu nome e tudo, ainda disseram que eu tava com droga e me chamaram de traficante, nunca usei!

Narrador: Na verdade, a pergunta mais apropriada é: você enxerga o outro ou se fala mais do que faz? Morre João. Morreu Ana que nasceu Joaquim. Morrerá Maria. Joana apanhou ontem e hoje. Zezinho tá no lixão e não pode estudar. Ninguém enxerga Jesus. Muito se fala de Jesus, está em todos os lugares, eles dizem, mas onde? Onde ele está?

Monólogo 4

Eu amo brincar, mas eu nunca pude brincar. Sempre tive que ser o homem da casa. Tenho quatro irmãos, todos trabalham desde cedo, não é brincadeira. Quando não trabalho, durmo. Gostaria de saber ler também, ir para escola, brincar, fazer amigos, mas sou o sustento da família. Estou cansada e com fome o tempo inteiro, não tenha descanso. Sonho. Sonho. Sonho e sonho que um dia vou poder brincar, ir à praia, comer uma comida bem gostosa e brincar com meus irmãos e minhas irmãs. Sou a mais velha. Meu pai foi embora, nem lembro do rosto dele. Minha mãe trabalha, mas está doente, fala que sente as costas... A vida não é brincadeira (risos) e sempre nos diz isso, mas eu só queria brincar.

Narrador: Falhamos. Estamos em degradação gradual em celeridade numa vista no Poder Judiciário. Falhamos e continuamos a falhar. Falta comida. Falta água. Falta estudo. Falta empatia. Falta olho no olho. O meu é meu, o seu é problema seu.

Monólogo 5

Perdemos tudo. Numa noite desses qualquer fui acordada às pressas. Fizemos nossas malas, levamos o que tinha de levar. O cachorro e o gato ficaram. Levamos quase 24h para chegar, mendigando carona. Eu não perguntei para onde íamos. Aceitei. Todas as vezes que antes tentei falar, minhas cordas vocais e língua eram cortadas. Tentei ser algo diferente, mas no amputaram e me maltrataram. O corpo doído agora se movia sem nem saber o destino final. Mas, de importa o final se O final é democrático e igualitário para todos, né? Vi e vivi o sofrer. Apanhei e bati. Me calei. Meus lábios selavam e a cada não palavra dita a garganta dava um nó quase impossível de ser desfeito. Não tinha mais esperança. Para mim tudo já tinha acabado. Novo lugar, nova vida, para quem? Que vida é essa que a gente só sobrevive dia após dia?

Narrador: Já disse o poema: "Jesus estaria no colo de Maria, em uma rede encardida, debaixo de um cajueiro.

Porque é debaixo de cajueiros que vivem e morrem os meninos cujos pais não encontram lugar na hospedaria.

E Jesus estaria desidratado pela disenteria.

Mas sobreviveria, embora esquelético.

E cresceria barrigudinho.

E não iria ao templo discutir com os doutores, mas à Televisão responder a perguntas.

E haveria muitas perguntas cretinas."

Monólogo 6

Fui anunciado de tempos em tempo, de cultura em cultura. Fiz coisas necessárias. Minha vinda foi preparada, mas quando vim, não fui bem visto, bem recebido, bem-vindo. Minha mãe me viu morrer e chorou no meu corpo. Mesmo assim, pedi que os perdoassem. Vim, aprendi e tentei ensinar. Dizem que eu me fui, mas ainda aqui estou. Não consegue me ver? Estou aqui e minha mãe ainda chora no meu corpo; mas eu sou mãe também, sou pai, filha, filho, irmão, irmã... Eu sou quem você não enxerga.



REGISTRE AQUI SUA OPINIÃO SOBRE O NOSSO CURTA-METRAGEM.

ESCREVA SEU JULGAMENTO SOBRE ESSE PROJETO: O QUE APRENDEU, O QUE FOI LEGAL E O QUE NÃO GOSTOU, O QUE PODERIA SER MELHOR. FIQUE A VONTADE PARA OPINAR.



REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de et al. **Elenco de cronistas modernos**. 21^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- BAKHTIN, M.(VOLOSHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988
- BAKHTIN, Michel. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARBOSA, L.P.L; LEURQUIN, E.V.L.F. Sequência didática para o ensino da leitura. In: **Ensino de língua e literatura: gênero textual e letramento**. Aracaju: Criação, 2017; Itabaiana: Profletras, 2017, p.57-72.
- BARROS, E. M. D. **Transposição didática externa: a modelização do gênero na pesquisa colaborativa**. Raído, (UFGD), Dourados-MS, v.6, n. 11-35, 2012.
- BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez,2006.
- BONINI, Adair. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: **Gêneros: teorias, métodos, debates**. J.L.Meurer, Adair Bonini, Désirée Motta-Roth (orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRAGA, Regina Maria; SILVESTRE, Maria de Fátima Barros. **Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para sala de aula**. 3^a ed. São Paulo: Global, 2009.
- BRAGA, Braga. **Casa dos Braga**: memória de infância. 8^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- _____. **Ai de ti, Copacabana**. 26^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF,1998.
- _____. **Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE)**: Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descriptores. Brasília: MEC, SEB; Inep, 2008.
- _____. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.
- BRONCKART, J.P. **Atividade de Linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio (orgs.). São Paulo: Mercado de Letras, 2006.
- _____. **Atividade de linguagem, textos e discurso**: por um interacionismo sociodiscursivo. 2. ed. 2. reimpr. São Paulo: EDUC, 2007.
- CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés do chão. In: **ANDRADE, Carlos Drummond et al. Para gostar de ler**. São Paulo: Ática, 1984, v.5, prefácio.
- CAMPOS-GONELLA, Cristiane Oliveira. **A teoria de gêneros na formação inicial de professores de língua inglesa**: investigando contribuições para o desenvolvimento do conhecimento

docente. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

GENETTE, Gerárd. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Trad. Luciene Guimarães e Maria Antonia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006.

KLEIMAN, Ângela. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In: Roxane Rojo (Org.) **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Mercado de Letras, 1998a.

KOCH, Ingredore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos dos textos**. 3. Ed. 12ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. Ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.

LEURQUIN, E.V.L.F. Que dizem os professores sobre seu agir professoral? In: GERHARDT, A.F.L.M. (Org.) **Ensino e aprendizagem na perspectiva da Linguística Aplicada**. São Paulo: Pontes, 2013.

_____. **O espaço da leitura e da escrita em situação de ensino e aprendizagem de Português língua estrangeira**. Revista Eutomia de Literatura e Linguística. Recife, p. 167-186, 2014.

LEURQUIN, Eulália Vera Lúcia Fraga; BARBOSA, Lilian Paula Leitão. Sequência Didática para o Ensino da Leitura. IN: **Ensino de Língua e Literatura: gênero textual e letramento**. Aracaju: Criação; Itabaiana: Profletras, 2017.

LOUSADA, Eliane Gouvêa. A abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo para a análise de textos. In: **Abordagens metodológicas em estudos discursivos**. São Paulo: Paulistana, 2010.

MACHADO, Anna Rachel. **Para (re)pensar o ensino de gêneros**. Calidoscópio, Vol. 02 N. 01 v jan/jun 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Cortez, 2008.

MIRANDA, Florêncio. **Análise interlinguística de gêneros textuais: contribuições para o ensino e a tradução**. DELTA [online]. 2017, vol.33, n.3, pp.811-842

SÁ, Jorge. **A crônica**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1992.

SANTANA, Catiana Santos Correia; CARVALHO, José Ricardo. Contribuições do interacionismo sociodiscursivo para leitura de crônicas. In: **Ensino de língua e literatura: gênero textual e letramento**. Aracaju: Criação, 2017; Itabaiana: Profletras, 2017, p. 39-56.

SANTOS, Ana Cecília Nascimento; Carvalho, José Ricardo. **Os mecanismos enunciativos no estudo do gênero crônica.** Revista de Letras JUÇARA, Caxias – Maranhão, v. 01, n. 02, p. 60–74, Dez. 2017.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola.** Trad. Roxane ROJO E Glaís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Ezequiel Teodoro. Livro didático: do ritual de passagem à ultrapassagem. In. **Em Aberto – O livro didático e qualidade de ensino.** Brasília: INEP, nº 69, ano 16, jan./fev., 1996.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura;** tradução: Claudia Schilling; revisão técnica: Maria Graça Souza Horn. 6ª ed. Porto Alegre: Penso, 1998.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VIANA, Antônio Carlos. **Guia de Redação:** Escreva melhor. São Paulo: Scipione, 2011.

VYGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ZILBERMAN, Regina. SILVA, Ezequiel Theodoro da. (org) **Leitura: Perspectivas Interdisciplinares.** São Paulo-SP. Ática, 2005.

APÊNDICES

UM POUCO DA TEORIA DO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO

A proposta do interacionismo sociodiscursivo apresenta um estudo relevante para compreendermos os processos envolvidos na aprendizagem de leitura e da produção de texto no interior dos estudos do interacionismo social.

Segundo Bronckart (2007), o ISD conduz trabalhos teóricos e empíricos que se desenvolvem nos três níveis do interacionismo social: os pré-construídos, as mediações formativas, o desenvolvimento. O primeiro objetivo, no nível dos pré-construídos, foi a elaboração de um modelo coerente de organização interna dos textos. Nesse nível, o objetivo é de “analisar as condições de funcionamento efetivo dos textos, partindo do princípio de que os gêneros textuais são os produtos de uma atividade languageira coletiva, organizada pelas formações sociais e visando a adaptar os formatos textuais às exigências das atividades gerais”. (LOUSADA, 2010, p.5)

O autor traz os diferentes níveis de apreensão dos textos, primeiro ele vai relatar sobre o texto como entidade genérica (ou geral), em seguida traz as “espécies” de textos. Assim, numa primeira acepção, muito geral, a noção de texto pode ser aplicada a toda e qualquer produção de linguagem situada, oral ou escrita. Cada texto, embora tendo suas peculiaridades são compostos de características comuns. Nas palavras dele:

Cada texto está em relação de interdependência com as propriedades do contexto em que é produzido; cada texto exibe um modo determinado de organização de seu conteúdo referencial; cada texto é composto de frases articuladas umas às outras de acordo com regras de composição mais ou menos estritas; enfim, cada texto apresenta mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos destinados a lhe assegurar coerência interna. (BRONCKART, 2007. p.71)

Nesse sentido, a noção de texto para o ISD assinala que toda produção de linguagem é uma unidade comunicativa coerente situada em um contexto de produção. Todo texto é organizado linguisticamente por meio de recursos de textualização e enunciativos, provocando efeito de sentido no destinatário na forma de gêneros de texto.

Para Dolz e Schneuwly (2004), as capacidades de linguagem estão relacionadas às aptidões requeridas do indivíduo para a sua ação languageira, o que se pressupõe sempre a mediação instrumental de um gênero de texto. Estão subdivididas em três níveis, conforme o quadro abaixo:

Quadro 1 - Capacidades de linguagem

Capacidades de ação	Capacidades discursivas	Capacidades linguístico-discursivas
Essa capacidade possibilita saber a prática social ao qual o gênero está vinculado e a forma como o texto está organizado, ou melhor, traz o contexto de produção, reagrupados em com dois conjuntos: ambiente físico e social e subjetivo (sociossubjetivo), ou melhor explicitando, apresenta os parâmetros de referência do agente produtor: 1º plano - lugar e momento de produção, emissor, receptor; 2º plano - lugar social e posição social do enunciador e do destinatário e, objetivo/finalidade da interação.	Essa capacidade constitui a infraestrutura geral do texto (nível mais profundo). Possibilita o agente-produtor fazer escolhas entre os tipos de discursivo e sequências.	Essa capacidade permite ao agente produtor realizar operações linguísticas, com: 1. os mecanismos de textualização: conexão, coesão nominal e coesão verbal; 2. os mecanismos de enunciação: vozes (autor, sociais, personagens) e modalizações (lógicas, deônticas, apreciativas e pragmáticas). Possibilita, assim, ao agente produtor, obter operações linguístico-discursivas implicadas na produção de texto.

Fonte: Adaptado de Barros (2012, p.16)

Embora tenha essa classificação, as capacidades de linguagem não são isoladas, trabalhadas linearmente, elas são dependentes uma da outra, assim, não há como avaliar a mobilização das capacidades fora da sua ação de linguagem.

Para produzir um texto, portanto, o agente deve então mobilizar algumas de suas representações sobre os três mundos efetuando-se essa mobilização em duas direções distintas: **contexto da produção textual** (situação de interação ou de comunicação na qual o agente-produtor julga se encontrar) e o **conteúdo temático ou referente** (temas que vão ser verbalizados no texto).

No ISD, todo texto no **mundo físico** - primeiro plano - resulta de um conduta verbal palpável, desenvolvido por um agente situado nas coordenadas do espaço e do tempo que pode ser definido por quatro parâmetros precisos: o lugar de produção: lugar físico em que o texto é produzido; o momento de produção: a extensão do tempo durante a qual o texto é produzido; o emissor (ou produtor, ou locutor): a pessoa (ou a máquina) que produz fisicamente o texto, podendo essa produção ser efetuada na modalidade oral

ou escrita; o receptor: a (ou as) pessoa(s) que pode(m) perceber (ou receber) concretamente o texto.

Para Bronckart (2007), a produção de todo texto, no segundo plano, inscreve-se no quadro das atividades de uma formação social, principalmente, no quadro de uma forma de interação comunicativa que implica o mundo social (normas, valores, regras etc.) e o mundo subjetivo (imagem que o agente dá de si ao agir). Esse contexto sociossubjetivo também pode ser decomposto em quatro parâmetros principais: o lugar social (formação social, instituição ou modo de interação no qual o texto é produzido); a posição social do emissor (estatuto de enunciador: qual é o papel social que o emissor desempenha na interação em curso); a posição social do receptor (estatuto de destinatário: qual é o papel social atribuído ao receptor do texto); o(s) objetivo(s) da interação (qual é, do ponto de vista do enunciador, o efeito (ou os efeitos) que o texto pode produzir no destinatário?).

Quadro 2 – contexto de produção

CONTEXTO FÍSICO	CONTEXTO SOCIOSSUBJETIVO
Mostra as coordenadas espaço-temporais em que se dá a ação de linguagem implicadas na produção de um texto.	São as normas, valores, regras sociais, etc., assim como a imagem que o agente faz de si e do destinatário ao agir – implicados no quadro de uma forma de interação comunicativa.
O lugar físico de produção:	O lugar social no qual o texto é produzido (escola, mídia, família, etc.):
O momento de produção:	Os objetivos da interação:
O emissor : pessoa que produz fisicamente o texto:	A posição social do emissor :
O receptor : a(s) pessoa(s) que recebe(m) concretamente o texto:	A posição social do receptor ou destinatário:

Fonte: (BRONCKART, 2007, p. 93-94)

Bronckart (2007) propõe uma análise descendente de organização do texto, compreendido em três níveis superpostos de forma interativa que denomina folhado textual: a infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Segundo o autor, a lógica da sobreposição se dá, porque foi baseado na

constatação que qualquer organização textual possui caráter hierárquico, senão total, mas parcialmente. Assim, será feito um breve resumo sobre cada um desses níveis superpostos. Segue um quadro com a constituição de cada um deles:

Quadro 3 – Arquitetura interna do texto

FOLHADO TEXTUAL		
INFRAESTRUTURA GERAL DO TEXTO	OS MECANISMOS DE TEXTUALIZAÇÃO	OS MECANISMOS ENUNCIATIVOS
Plano geral: organização do conteúdo temático; visível no processo de leitura; pode ser codificado em um resumo.	Conexão: marcar as articulações da progressão temática; realizados por organizadores textuais que podem ser aplicados na infraestrutura geral do texto (conjunções, advérbios ou locuções adverbiais, grupos preposicionados ou grupos nominais).	Posicionamento enunciativos e vozes: <ul style="list-style-type: none"> - A voz do autor empírico (agente produtor do texto – expositor, narrador, textualizador); - As vozes sociais: vozes de outras pessoas ou instituições humanas <i>exteriores</i> ao conteúdo temático; - As vozes de personagens: vozes de pessoas ou instituições no <i>interior</i> do tema.
Noção de tipo discursivo: indica os diferentes segmentos que o texto comporta (discurso teórico, segmento narrativo, encaixamento de discurso interativo).	Coesão nominal: introduzir os temas e os personagens novos e assegurar sua retomada ou sua substituição – anáforas (pronomes possessivos, relativos, demonstrativos, pessoais e sintagmas nominais (SN)).	As modalizações: <ul style="list-style-type: none"> - Lógica: julgamento sobre o valor de verdade (certos, errados, prováveis, improváveis, etc.) - Deônticas: avaliam o que é anunciado a partir de valores sociais (proibidos, permitidos, necessários, desejáveis, etc.) - Apreciativas: apresenta um julgamento mais subjetivo dos fatos enunciados (bons, maus, estranhos, etc.) - Pragmáticas: introduz um valor sobre as facetas de um personagem: <ul style="list-style-type: none"> . <i>Capacidade de ação:</i> o poder-fazer);

		. A intenção: o querer-fazer; . As razões: o dever-fazer.
Articulações entre os tipos de discurso: discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre.	Coesão verbal: assegura a organização temporal dos processos (estados, acontecimentos ou ações), realizados por tempos verbais e unidades que tem valor temporal (advérbios e organizadores textuais).	
Noção de sequência (Sequencialização – Adam, 1992): designa modos de planificação da linguagem no interior do texto (sequências narrativa, explicativa, argumentativa, descriptiva, dialogal)		

Fonte: (BRONCKART, 2007, p. 119-132)

Outro conceito que engloba a dimensão discursiva é a sequencialização (conforme quadro acima) proposta por Adam (2005). O autor traz uma distinção entre sequência e gênero:

A diferença fundamental da sequência em relação ao gênero, como já foi dito antes, é sua menor variabilidade. Os gêneros marcam situações sociais específicas, sendo essencialmente heterogêneos. Já as sequências, como componentes que atravessam todos os gêneros, são relativamente estáveis, logo, mais facilmente delimitáveis em um pequeno conjunto de tipos (uma tipologia). (ADAM, 2005, 218)

Adam (2005) propõe alguns elementos para identificar as sequências textuais predominantes que serão assim sintetizadas:

1. **sequência narrativa:** há uma **sucessão de eventos** alinhados em ordem temporal; a narrativa necessita de uma **unidade temática** que privilegia um sujeito agente (personagem principal) que é responsável pelo desencadeamento de toda a ação narrada; transformação das características do personagem – os **predicados transformados**; a narrativa é um **processo** com início (estabelecimento de uma situação), meio (transformação) e fim (situação inicial modificada); conjunto de causas que dão sustentação aos fatos narrados – **intriga**; reflexão sobre o fato narrado – **moral**, pode vir implícita;

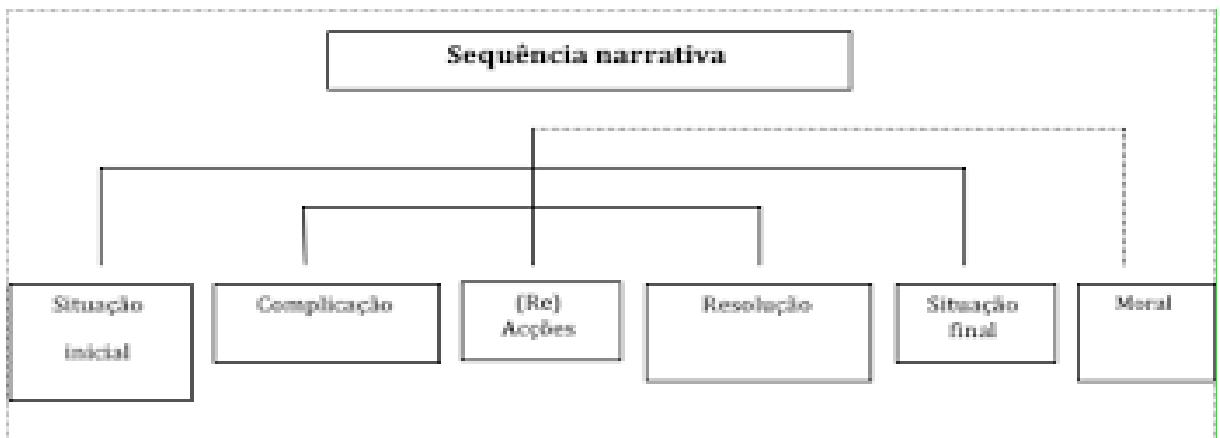
2. **sequência argumentativa:** argumentar é basicamente direcionar o discurso para convencer o outro e, consequentemente mudar a visão do outro sobre determinado assunto. Para o autor, essa sequência é formada de três partes: **tese anterior** (afirmação que será contestada); **dados** (afirmações que dão margem à conclusão; **conclusão** (opinião do enunciador que pode servir ou não para uma nova sequência argumentativa;

3. **sequência descriptiva:** é a sequência menos autônoma, já que dificilmente é predominante em um texto. Aparece frequentemente como parte da sequência narrativa, principalmente na situação inicial, quando caracteriza o espaço e os personagens. Traz três partes: **ancoragem** (há um tema-título); **dispersão de propriedades:** contém a aspectualização (caracteriza o objeto em seu estado físico) e estabelecimento de relação (utilizar as características de uma parte para compor outra); **reformulação** (nova visualização geral do tema);

4. **sequência explicativa:** seu propósito é construir ideias claras, esclarecer determinada situação. Apresenta três partes: busca **levantar um questionamento; responder o questionamento ou resolver o problema**, detalhando-o; sumarizar a resposta, avaliando o problema;

5. **sequência dialogal:** segundo Adam (2005), é o componente principal dos gêneros textuais, já que faz parte da comunicação humana. É uma sequência poligerada, uma vez que o diálogo é uma unidade formada por mais de um interlocutor. A composição da sequência dialogal se dá com alternância de turno, ou seja, emissão de enunciados de um interlocutor para outro interlocutor e vice-versa. Há dois tipos: as **fáticas** (abrir e fechar a interação) e as **transacionais** (compõem o corpo da interação, do ato comunicativo).

Percebe-se, então, que os gêneros podem estar implicados em um tipo de sequência textual: narrativa, explicativa, argumentativa, descriptivas, dialogal. Na macroestrutura da crônica contém essa sequência da narrativa: situação inicial (apresentação), complicação / desencadeamento (conflito), (re)ações / avaliação (solução), resolução / desencadeamento (clímax), situação final (desfecho), podendo, ainda, apresentar uma moral (coda) baseada na sequência narrativa proposta por Adam:



Fonte: (ADAM, 1992, *apud* BONINI, 2005, p. 220)

Teríamos assim, o seguinte quadro adaptado da sequência narrativa:

Quadro 4 – Macroestrutura da crônica

Superestrutura	Macroestrutura
Sítuacao inicial (apresentação ou exposição (tema da história, cenário, personagens e o momento onde ocorrem as ações)).	
Complicação (momento de tensão)	
(Re) Ações	
Resolução	
Sítuacao final (desfecho)	
Moral (coda)	

Fonte: (adaptado de ADAM, 1992, *apud* BONINI, 2005, p. 220)

Nem todos os textos comportam todas as fases da sequência narrativa, como, por exemplo, os do gênero jornalístico. Observe o que diz o Bronckart (2007):

As sequências narrativas efetivas podem, entretanto, comportar apenas um número limitado de fases (situação inicial + complicação + resolução), como é o caso de muitos textos do domínio do 'fait divers' (gênero jornalístico). Ao contrário, nos gêneros como o romance, essas sequências podem organizar-se de modo mais complexo, a fase de ações recaindo em nova complicação, que desencadeia novas ações, chegando a uma situação final temporária (ou aparente) que se vê perturbada por nova complicação, que desencadeia outra série de ações, etc. (BRONCKART, 2007, p.222)

A maioria das crônicas de tom reflexivo não se preocupam em expor um conflito ou apresentar uma resolução por isso se organizam na forma denominada por Bronckart (2007) de *script* ou grau zero da planificação dos segmentos da ordem do narrar, ou seja, os acontecimentos ou ações constitutivas da história são simplesmente dispostos em ordem cronológica sem que essa organização linear registre qualquer processo de tensão. Deixa, assim, espaço para o leitor refletir sobre relações de causa e consequência das situações do cotidiano apresentadas pelos discursos presentes.

Bronckart (2007), denomina mundo ordinário e mundo discursivo para mostrar a diferenciação das operações da linguagem, quanto as suas ações, como se organizam o conteúdo temático de um texto e as suas coordenadas (conjuntas ou disjuntas). O primeiro mundo é representado empiricamente pelos agentes humanos; já o segundo representado pelos mundos virtuais criados pela atividade humana. Assim temos, a primeira bipartição que o autor faz quanto às coordenadas gerais:

1. o mundo do narrar: as operações de construção das coordenadas gerais que organizam o conteúdo temático são apresentadas como disjuntas das coordenadas do mundo ordinário da ação de linguagem. O mundo discursivo é situado em outro lugar, como, por exemplo, os gêneros fábulas e contos.
2. o mundo de expor: as representações mobilizadas não se ancoram em nenhuma origem específica e organizam-se em referências diretas às coordenadas gerais do mundo da ação de linguagem em curso, ou seja, em conjunção com tais coordenadas, os fatos são apresentados como sendo acessíveis ao mundo ordinário dos protagonistas de interação da linguagem. São exemplos desse mundo, os gêneros dicionário, lista telefônica.

Os mundos discursivos podem ser estabelecidos combinando os dois tipos de distinções: oposição entre a ordem do narrar e a ordem do expor, implicação e autonomia. Essas distinções permitem definir quatro mundos discursivos:

- a) mundo do EXPOR implicado: discurso interativo.
- b) mundo do EXPOR autônomo: discurso teórico.
- c) mundo do NARRAR implicado: relato interativo.
- d) mundo do NARRAR autônomo: narração. (BRONCKART, 2007, p. 155)

Na análise de gêneros textuais, deve-se levar em consideração, além dos quatro mundos discursivos, aos tipos psicológicos correspondentes – relação ao ato de produção

-, apresentando relação de autonomia e relação de implicação, assim, Bronckart, citando Bain (1985) traz a distinção entre tipo psicológico e tipo linguístico. Essa distinção é, principalmente, para designar como acontece o discurso de modo concreto ou como entidade abstrata.

É para dissociar claramente essa duas abordagens possíveis que introduzimos como Bain (1985) a distinção entre tipo psicológico e tipo linguístico. A expressão tipo linguístico designa o tipo de discurso tal como ele é efetivamente semiotizado no quadro de uma língua natural, com suas propriedades morfossintáticas e semânticas particulares. A expressão tipo psicológico, por sua vez, designa essa entidade abstrata ou esse construto que é o tipo de discurso, apreendido exclusivamente sob o ângulo das operações psicológicas "puras", isto é, esvaziadas da semantização particular que necessariamente lhe conferem as formas específicas de recursos morfossintáticos mobilizados por uma língua natural para traduzir um mundo. (BRONCKART, 2007, p. 156)

Nesse contexto, pode ser assim representado no quadro (4) abaixo:

Quadro 11 - Coordenadas gerais dos mundos

Coordenadas gerais dos mundos			
	Conjunção	Disjunção	
	EXPOR	NARRAR	
Relação ao ato de produção	Implicação	Discurso interativo	Relato interativo
	Autonomia	Discurso teórico	Narração

Fonte: (Adaptado -BRONCKART, 2007, p.157)

Os tipos de discurso são segmentos de texto cujas formas linguísticas são identificáveis nos textos e que traduzem a criação **de mundos discursivos** específicos, sendo esses tipos articulados entre si por mecanismos de **textualização** e por mecanismos **enunciativos** que conferem ao todo textual sua coerência sequencial e configuracional.

No modelo da arquitetura textual utilizado para análise propõe quatro tipos de discurso: **discurso interativo, discurso teórico, relato interativo e narração** (BRONCKART, 2007).

O **discurso interativo** caracteriza-se, em primeiro lugar, pela presença de unidades que remetem à própria interação verbal, pela presença do presente do indicativo no momento da fala, pela presença de frase não declarativa e a presença de nomes

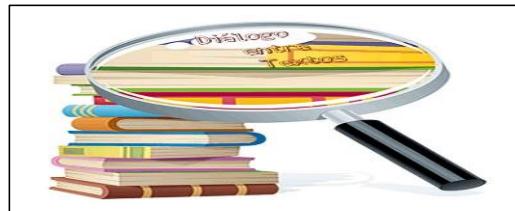
próprios, assim como de verbos e pronomes de primeira e segunda pessoa do singular, que remetem diretamente aos protagonistas da interação verbal.

No segmento do **discurso teórico**, um conteúdo temático delimitado é organizado em um mundo discursivo cujas coordenadas gerais não são explicitamente distanciadas das do mundo ordinário do agente-produtor, como revela a ausência de qualquer origem espaço-temporal. No quadro desse mundo conjunto, determinados processos são objetos de um EXPOR, que se caracteriza por **uma autonomia completa** em relação aos parâmetros físicos da ação de linguagem de que o texto se origina.

O **discurso relato interativo** é um tipo de discurso, em princípio monologado, que se desenvolve em uma situação de interação. Esse caráter monologado se traduz principalmente pela ausência de frases não declarativas e pela presença dos tempos verbais no pretérito perfeito e imperfeito, às vezes, associadas às formas verbais do mais-que-perfeito, futuro do presente e pretérito pela presença de anáforas pronominais.

A **narração** se baseia em um mundo discursivo cujas coordenadas gerais são claramente disjuntas das coordenadas do mundo ordinário do agente-produtor e dos agentes leitores. Diferentemente do relato interativo, na narração, esse NARRAR permanece autônomo em relação aos parâmetros físicos da ação de linguagem de que se origina.

INTERTEXTUALIDADE



De acordo com o ISD, o agente-produtor pode eleger dentre tantos gêneros de textos à disposição na intertextualidade aqueles, que de acordo com a sua concepção, é o mais adequado para situação comunicativa. Esse repositório de textos que o agente faz uso é denominado por Bronckart (2007) de intexto. O intexto é formado, “pelo conjunto de gêneros de textos elaborados pelas gerações precedentes, tais como são utilizados e eventualmente transformados e reorientados pelas formações sociais contemporâneas.” (BRONCKART, 2007, p.100)

Cada sujeito social tem conhecimento de uma parte do repertório de gêneros existentes, uma vez que é difícil alguém conhecer e dominar todos os gêneros em uso em uma determinada comunidade linguística. Esse repertório é ampliado de acordo com as experiências textuais dos usuários da língua. Segundo Machado (2004), o intexto “seria

constituído pelo conjunto de *gêneros de textos* construídos sócio historicamente que são utilizados nas diferentes formações sociais.” (p.22).

Uma das grandes dificuldades na leitura da crônica é a compreensão dos modos enunciativos que geram crítica e reflexão, envolvendo atividades de intertextualidade ou de procedimentos discursivos na fala ou atitude de um personagem, narrador ou outras vozes presentes no texto.

Koch afirma o seguinte sobre a intertextualidade:

Em sentido amplo, a intertextualidade se faz presente em todo e qualquer texto, como componente decisivo de suas condições de produção. Isto é, ela é condição mesma da existência de textos, já que há sempre um já-dito, prévio a todo dizer. Segundo J. Kristeva, criadora do termo, todo texto é um mosaico de citações, de outros dizeres que o antecederam e lhe deram origem. (KOCH, 2017, p.86)

Desse modo, como todo texto é um intertexto, explícito ou implicitamente, consciente ou inconsciente, porque sempre citamos o discurso do outro, ou então, dialogamos com outros textos. A intertextualidade é, portanto, uma competência linguística presente nos gêneros discursivos e, não seria diferente na crônica. Segundo o postulado dialógico de Bakhtin (1929), um texto (enunciado) nem existe e nem pode ser avaliado e/ou compreendido isoladamente: ele está sempre em diálogo com outros textos – intertextualidade.

LEITURA INTERATIVA



No processo de leitura existe uma interatividade entre sujeitos falantes. O receptor não é um ser passivo, nem o locutor deseja uma reação passiva, ele age no sentido de provocar uma resposta, atua sobre o outro buscando convencê-lo, influenciá-lo. Bakhtin salienta que o enunciado é único, não pode ser repetido, já que advém de discursos proferidos no exato momento da interação social. Segundo Machado (2010), a questão do dialogismo, para o autor, diz respeito a um processo interativo: “O ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso imediatamente assume em relação a ele uma postura ativa de resposta” (BAKHTIN apud MACHADO, 2010, p. 156).

Sendo assim, é importante o trabalho com textos diversificados e em situações de comunicação diversas. Nesse contexto, é que surge o trabalho com gênero do textual, que é o conjunto de elementos menos ou mais estáveis que caracterizam os textos. Segundo Bronckart, conhecer um gênero de texto é conhecer suas condições de uso, sua pertinência, sua eficácia ou sua adequação em relação às características desse contexto social.

Uma língua natural só pode ser apreendida através das produções verbais efetivas, que assumem aspectos muito diversos, principalmente por serem articuladas a situações de comunicação diferentes. São essas formas de realização empíricas diversas que chamamos de textos.” (BRONCKART, 2007, p. 69).

Como os gêneros variam conforme a esfera em que circulam, ou seja, os espaços físicos e sociais onde ocorrem a interação verbal, a crônica é um gênero que circula em diferentes esferas, pode ser encontrada tanto em jornais (esfera jornalística) quanto em obras literárias (esfera literária), daí seu caráter híbrido.

Diante do que foi exposto, acreditamos que o modelo interacionista é o mais adequado para se trabalhar com a leitura de gênero textual, porque não se concentra exclusivamente no texto nem no leitor, considera o foco na interação autor-texto-leitor, ou seja, o leitor, a partir de seus conhecimentos adquiridos previamente, interage como os conhecimentos trazidos no texto, nessa perspectiva o leitor é um sujeito ativo. O professor, então, tem o papel de

Acompanhar o processo de desenvolvimento do seu aprendiz de forma que ele possa interagir de maneira mais significativa em suas situações comunicacionais em sala de aula e fora dela, avançando, das questões mais simples às mais complexas da língua portuguesa, em função de suas necessidades. (LEURQUIN, 2014, p.11)

Dessa forma, o ensino de leitura não é aleatório, deve seguir um planejamento e etapas. Esse planejamento e etapas são propostas por Cicurel (1991), redefinida por Leurquin (2014) é constituída de quatro etapas, mas que foram aglutinadas em três, visto que a primeira e a segunda foram unificadas. Cada etapa tem um objetivo diferente que deve ser observado pelo professor.

Então na concepção interativa de leitura, o leitor é um sujeito ativo, no qual aciona seus conhecimentos prévios e os conhecimentos trazidos no texto e o professor mobiliza-os, negocia-os e ressignifica-os. Na sequência, apresentamos uma síntese dessas etapas da leitura interativa:

1^a etapa: tem como finalidade principal acionar os conhecimentos previamente adquiridos pelos leitores sobre o tema tratado e, consequentemente, despertar o desejo de ler no aluno. É uma atividade de pré-leitura. Podem ser feitos alguns questionamentos, a partir ou não do título do texto, fazer associações de ideias por meio de palavras-chaves. Deve ser feito, preferencialmente, antes de o professor entregar o texto. Entretanto, o professor pode fazer com que seus alunos-leitores se familiarizem com o texto, isso pode ser feito a partir de uma rápida leitura.

2^a etapa: traz uma leitura estudiosa, mais criteriosa a fim de entender como o texto foi arquitetado, compreender como foi tecido o texto. Essa etapa aponta para o ato de ler como objetivo. O professor deve pedir aos alunos-leitores que observem se conseguem comprovar as hipóteses levantadas nos momentos anteriores. Para alcançar essa etapa, Leurquin (2014) sugere quatro entradas ao texto que são: pelo **contexto de produção**: contexto físico e sociossubjetivo. Entender o propósito de comunicação, o gênero e suporte; pelo **nível organizacional**: mobiliza a infraestrutura do texto e os mecanismos de textualização (conexão, coesão nominal e coesão verbal); pelo **nível enunciativo**: ressalta os posicionamentos do autor do texto, de acordo com o assunto abordado, traz duas possibilidades: as vozes (do autor empírico, sociais, personagens) e as modalizações (lógica, deônticas, apreciativas, pragmáticas); pelo **nível semântico**: comporta os tipos de discurso e as figuras de ação.

3^a etapa: socializar as compreensões feitas pelos alunos e retomada à primeira etapa, ratificando ou não as hipóteses levantadas; caracteriza-se por uma reflexão profunda partindo do texto, ou seja, o aluno-leitor deve fazer uma leitura crítica do texto.

Claro que não tem um método específico para ensinar o aluno a ler, mas há estratégias que o professor pode utilizar para trabalhar o gênero textual, ensinando-o a ler comprehensivamente e a aprender a partir da leitura, para que ele possa aprender de forma autônoma em uma multiplicidade de situações. Nesse contexto, pode-se oferecer propostas metodológicas contextualizadas, planejadas, que tanto facilitam nossa tarefa como professores como ajudam os alunos em sua aprendizagem, ou seja, promovendo estratégias de compreensão leitora.

Por que é necessário ensinar estratégias de compreensão? Em síntese, porque queremos formar leitores autônomos, capazes de enfrentar de forma inteligente textos de índole muito diversa, na maioria das vezes diferentes dos utilizados durante a instrução. Esses textos podem ser difíceis, por serem muito criativos ou por estarem mal escritos. De

qualquer forma, como correspondem a uma grande variedade de objetivos, cabe esperar que sua estrutura também seja variada, assim como sua possibilidade de compreensão. (SOLÉ, 1998, p. 72)

Enfatizando o que já foi abordado, para o processo de leitura e compreensão de textos, as estratégias de leitura podem ser trabalhadas, segundo Solé (1998), antes da leitura – pré-leitura (para compreender), como o nome sugere, deve preceder a leitura do texto, momento em que se ativa o conhecimento prévio do aluno-leitor, formulando hipóteses, fazendo previsões, selecionando possibilidades, enfim, imaginando; durante a leitura – leitura-descoberta (construindo a compreensão), entrar especificamente no texto a partir das intenções de leitura mediadas pelo professor, verificando as hipóteses e construindo sentidos; depois da leitura – pós-leitura (para continuar compreendendo e aprendendo), é nesse momento que o aluno-leitor utiliza criticamente o sentido construído, refletindo sobre as informações recebidas e, por conseguinte, constrói conhecimentos. A pós-leitura é uma fase de ampliação, confirmação e/ou transformação da visão de mundo do leitor.

Ressaltamos que essas etapas de leitura estão em consonância com a proposta de análise de textos apresentada por Bronckart (2007), pois tem como âncora o quadro teórico do Interacionismo Sociodiscursivo, uma vez que para o autor os textos assumem funções, dentre elas, revelar o agir humano.

ANEXOS

ANEXO A - CÓPIAS DAS CRÔNICA DE RUBEM BRAGA PUBLICADAS EM JORNAL

CRÔNICA 1: AI DE TI, COPACABANA



Por Oliver Prescott de Oliveira

e levais flores para lembrar no meio da noite? Até aí eu não conheço a multidão de vossos pecados?

16. Antes de te perder eu agravarei a tua demência — ai de ti, Copacabana! Os gênios de tesos morros descerão uscando soler-ti, e os canhões de teu próprio forte se voltarão contra teu corpo, e torrarão mais a água salgada levárai milénios para lavar os teus pecados de um só verão.

17. E tu, Oscar, filho de Orenstein, ouve a minha ordem: reserva para lembrar os mais espalhafatosos aposentos de teu palácio, porque ali, entre álgas, ela habitará.

18. E no Petit Club os satis comerão cabeças de homens intas na Casca; e Sacha, o homem-sa, tocara piano submarino para fantasmagorias de mulheres silenciosas e verdes, cujos nomes passaram muitos anos nas colunas dos cronistas, no tempo em que havia colunas e havia cronistas.

19. Pois grande foi a tua validade, Copacabana, e fundas foram as tuas mazelas; já se incendiou o Vouga, e não viste o sinal, e já mandei tragar as amarras do Leme e ainda não vês o sinal. Pois o fogo e a água te consumirão.

20. A rapina de teus mercadores e a liberação de teus perdidos; e a ostentação da hetaria do Posto Cinco, em cujos diamantes se exageraram lagrimas de mal memórias miseráveis — tudo passará.

21. Assim qual escuro atlanje a ruadadeira dos imensos carros passará ao lado de tuas antenas de televisão; porém muitos preços morrerão por se hamburgo no usique falsificado de teus bares.

22. Pinta-te igual mulher polêmica e coloca a todas as tuas joias; e aviva o vermez de tuas unhas e canta a tua última canção pecaminosa, pois em verdade é tarde para a prece; e que estremega o seu empó fino e cheio de matices, desde o Edifício Olinda até a sede dos Marinibás, porque os que sobre ele vai a minha turta, e o destruirá. Canta a tua última canção, Copacabana!

Rio, Janeiro, 1938.

Vinte e cinco anos depois que Rubem Braga publicou sua crônica *Ai de Ti, Copacabana!*, Oliver Prescott de Oliveira chegou de suas andanças pelo mundo e percorreu nostálgico as ruas do bairro, em busca das amendoeiras e dos oitis da sua infância. Foi visto, então, chorando, sentado num banco da Praça Cardeal Arcoverde. Apareceu um dia na redação e entregou esse texto. Depois sumiu, presa da melancolia.

1. *Ai de ti, Copacabana*, porque já se volveu e vinte e cinco anos desse que o Rubem Braga lançou sobre teus ombros advertências severas e te prelisse mazelas. E a voz dele não te abalou as entranhas: continuaste perdida e cesa no meio de tuas imoralidades e de tua malícia e desse risadas ebria e vés no seio da noite.

2. *Ai de ti, Copacabana*, porque perdeste os termos de limbo branco e as poluidas carteiras de deputados e senadores nas tuas mesas de vício e nas alcovas dos escândalos sexuais. O índio foi para Brasília e ninguém mais quer ser pobre nem deixar Copacabana, contrariando o vaticínio do Billy Blanco.

3. Acaso ainda és a Princesinha do Mar?

4. Já moveram seu mar de uma parte e de outra e as ondas tomaram tuas ondas do Leme ao Arpoador, masculinizaram tua calçada e a ela impuseram um gresso sem aumentativo. E tu não viste este sinal.

5. As lambretas agora se chamam scooters e voltaram à moda na Europa. Voltarão a ti, Copacabana?

6. Já se foi o tempo em que tu me enganavas, Copacabana, e escon-

<http://docvirt.com/DocReader.net/DocReader.aspx?bib=AcervoRubemBraga&PagFis=3659>

CRÔNICA 2: O PADEIRO

Arquivo Rubem Braga\Diário de Notícias - DE 1956/1957
<http://docvirt.com/DocReader.net/DocReader.aspx?bib=AcervoRubemBraga&PagFis=3659>



Arquivo Rubem Braga\Diário de Notícias - DE 1956/1957
<http://docvirt.com/DocReader.net/DocReader.aspx?bib=AcervoRubemBraga&PagFis=3659>

CRÔNICA 3: A CASA

Arquivo Rubem Braga\Diário de Notícias - DE 1956/1957
<http://docvirt.com/DocReader.net/DocReader.aspx?bib=AcervoRubemBraga&PagFis=3659>

CRÔNICA 4: NATAL DE SEVERINO DE JESUS

RUBEM BRAGA

NATAL DE SEVERINO DE JESUS

Severino de Jesus não seria anunculado por nenhum

mais estrela, mas por um novo disco-voador.

Que seria seguido pela reportagem especializada.

O qual disco desceria justo à Hospedaria Getúlio

Vargas, em Fortaleza, Ceará, abrigo das retraídas.

Porém, Jesus não estaria na Hospedaria, por falta

de lugar.

Nem tampouco estaria no confinado de uma man-

jedoura.

Jesus estaria no céu de Maria, em uma rede en-

tardada, debaixo de um coqueiro.

Porque é de hábito de um coqueiro que vivem e mor-

rem os meninos cujo país não encontram lugar na Hos-

pedaria.

E Jesus estaria desabrigado pela diasteria,

Mas sobreviveria, evitando esquilitos.

E cresceria bariguludo.

E não iria ao templo discutir com os doutores, mas

à Televisão responder a perguntas.

E haveria muitas perguntas cristãs.

Tais como:

Por que, sendo filho do Espírito Santo, não foi

nascido no Ceará e não em Cachoeira de Itapemirim?

Jesus sentiria. E desceria para o Nordeste.

E para ceter, Jesus iria para o morgue cantar

funera.

E desceria depois em um par de arara até o Rio,

Onde faria vários serviços ôtios, tais como:

Lavar a trouxa de roupa suja de Maria.

Tocar tamborim.

Entregar cigarros de macumba.

Então Herodes ordenaria uma batida no morro.

Porém Jesus escaparia.

E seria resgatado por um mendigo que o pôraria a

tirar cambala na porta da igreja.

E sendo lourinho e de olhos azuis, parecido com

Críto, Jesus faria grandes férias.

Porém, tendo deixado uma notinha para tomar

um picolé, levaria um socorro na cara.

E escaparia do mendigo e seria protegido por Vili-

ano do Quarene.

Inconscientemente, participaria de seu bando.

Inconscientemente seria internado no SAM.

Depois seria egresso do SAM.

E aqui é que a poca terceira o rouba, porque não sei

que vou fazer com meu herói.

Mesmo porque só hoje ninguém sabe o que fazer

com um egresso do SAM.

Ele só tem pouca bagagem para ingressar na ju-

ventude transviada.

Quem não ingressa continua egresso.

Os mafiosos se dividem em externos, internos, mafiosos,

internos e egressos.

O lema da bandeira se divide em ordens e progresso.

Enquanto o verdadeiro Críto nasce em todo Natal

e morre em todo Quarene.

Eu conto esta história de Jesus mesmo, Severino

de Jesus, para lembrar que

Aquela Jesus que era o Críto, que Ele nos abençoa.

Mas eu devido um pouco que Ele nos abençoa.

Ele está preocupado com seu irmão Severino de

Jesus, que eu, maior, abandonei.

Eu visto do que Ele se tornou o conhecido menor

abandonado.

E' impossível ocorrer o menor abandonado, pois

se assim fôr ele deixará de ser abandonado.

E se não houver menores abandonados sórrios u-

nhários beneficiados ficará sem ter o que fazer.

E certos sacerdotes que falam na televisão sobre o

problema dos menores abandonados não tento o que

dizer.

E esta minha crônica de Natal não tem nem

resto de ser.

53 - 27/12/58

Y MUNDO LITERÁRIO

ANEXO B - CÓPIAS DAS NOTÍCIAS DO JORNAL

CÓPIA 1

The image is a collage of newspaper clippings from the Brazilian newspaper 'O Globo'. The clippings are arranged in a grid-like fashion and include the following headlines:

- Hoje: Servidores da P.D.F. em Assembléia Pró-Aumento**
- Reconheça a Justiça!**
- Uma Excepcional Mesada**
- 10 Quilos de Feijão e Arroz**
- Padeiros Festilejaram e 36º Aniversário de seu Sindicato**
- Padeiros Concretizam as Ameaças**
- Pão Dormido a Partir de Hoje Para Tôda a População Carioca**
- AS PORTAS DAS PADARIA SOMENTE SERÃO ABERTAS A PARTIR DAS 8 HORAS DA MANHÃ. MILHARES DE TRABALHADORES LANÇADOS AO DESEMPREGO. REUNIÃO COM JUSCELINO NO CATETE PARA DISCUTIR O PROBLEMA. NÃO HAVERÁ AUMENTO DE PREÇOS, PROMETE O PRES. DA COMISSÃO FEDERAL DE ABASTECIMENTOS E PREÇOS**
- A partir de hoje a população carioca começará, pão dormido pela manhã ao menos tempo que milhares de trabalhadores ficarão sem emprego em virtude da decretação de um 'lock-out' parcial por parte de**
- entendimentos entre os padaria.**
- depoimento ou suspeita de manutenção de 'lock-out' dos trabalhadores.**
- Mobilização: OS PR**
- Padaria, cana-de-açúcar e petróleo.**
- reunião com Juscelino**
- portas das padarias.**
- O 'LOCK-OUT'**
- Catetinho, a presidente da COFAP, informou que o governo não irá mais registrar o presidente da COFAP será o desem**

May, 1956.

Ano 1956\Edição 01816\Imprensa Popular (BI) - 1951 a 1958

<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageRN.aspx?ihid=080818&anofis=III388>[url=http://memoria.bn.br/docreader](http://bn.br/docreader)

CÓPIA 2

Main 1956

Ano 1956\Edição 01816\Imprensa Popular (RJ) - 1951 a 1958

<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=ID080818&naofis=III386> url=http://memoria.bn.br/docreader

CÓPIA 3



Maio, 1956.

Ano 1956\Edição 01816\Imprensa Popular (RJ) - 1951 a 1958

<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=10808&pagfis=111388url=http://memoria.bn.br/docreader>

CÓPIA 4



<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=149322&pagfis=1729?url=http://memoria.bn.br/docreader#>

CÓPIA 5



<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=149322&pagfis=1729&url=http://memoria.bn.br/docreader#>

CÓPIA 6



<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivopessoal/GV/audiovisual/passeata-dos-imigrantes-da-hospedaria-getulio-vargas>